

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (UNIRIO)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCH)
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA (EB)

LETÍCIA RODRIGUES DO NASCIMENTO

MEMÓRIA E DOCUMENTO EM UMA COLEÇÃO DE INGRESSOS DE CINEMA

RIO DE JANEIRO
2015

LETÍCIA RODRIGUES DO NASCIMENTO

MEMÓRIA E DOCUMENTO EM UMA COLEÇÃO DE INGRESSOS DE CINEMA

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Biblioteconomia
da Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Leila Beatriz
Ribeiro

RIO DE JANEIRO

2015

B896m Memória e documento em uma coleção de ingressos de cinema. / Letícia Rodrigues do Nascimento. – Rio de Janeiro: 2015.

66 p. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Leila Beatriz Ribeiro

1.Memória. 2.Documento. 3.Coleção. I. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Biblioteconomia. II. Ribeiro, Leila Beatriz. III. Título.

CDU – 791:379.824

LETÍCIA RODRIGUES DO NASCIMENTO

Memória e documento em uma coleção de ingressos de cinema

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientação: Prof.^a. Dr.^a. Leila Beatriz Ribeiro.

Aprovado em de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Leila Beatriz Ribeiro (Orientadora)

Prof.^a. Ms. Stefanie Cavalcanti Freire (Avaliadora)

Prof.^a. Dr.^a. Carmen Irene Correia de Oliveira (Avaliadora)

Dedico este trabalho aos livros, uma vez que se não fosse pela paixão que tenho por eles não teria conhecido a Biblioteconomia e descoberto a profissão que tanto me cativou.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido por sempre permanecer ao meu lado me dando forças para continuar seguindo em frente.

À minha família por me apoiar durante toda a graduação.

Às amigadas que cultivei ao longo desses anos de biblioteconomia e que estiveram ao meu lado até o final.

À professora Leila Beatriz Ribeiro por me orientar e por me mostrar ao longo do curso outro lado da biblioteconomia que me encantaria.

Por último, mas não menos importante gostaria de agradecer ao Hernani Heffner conservador da Cinemateca do Museu de Arte Moderna pelo bate-papo esclarecedor e ao Fábio Vellozo por tirar minhas dúvidas e ajudar durante a pesquisa.

“A memória recupera o vivido.”
(Paul Zumthor)

RESUMO

Todos os indivíduos colecionam alguma coisa em algum momento de sua existência, seja intencionalmente ou não, e este trabalho apresenta um estudo sobre uma coleção particular de ingressos de cinema e toda a trajetória de sua formação desde o primeiro ingresso adquirido e guardado até o último. Os procedimentos metodológicos usados foram leitura e análise de livros e artigos acadêmicos nas áreas de memória social, história, biblioteconomia e ciência da informação para fomentar a pesquisa. A partir destas informações adquiridas os conceitos de memória, documento e coleção foram apresentados e sua correlação discutida. Este estudo propõe um debate sobre o valor do documento dentro do universo dessa coleção, tendo em vista que, o objeto de estudo não é uma peça que nasceu para se tornar um documento tendo sua essência modificada pelo colecionador. Pesquisas *online* em sites que abordavam o tema coleção também foram feitas para que o comportamento do campo estudado fosse verificado, e pesquisas em *sites* sobre cinema. O conceito de coleção particular também foi abordado e sua ligação com a formação de documentos e com a preservação da memória é trabalhado. O estudo aponta que colecionar além de ser uma atividade realizada desde a nossa infância é uma atividade fundamental para a preservação de objetos e que uma coleção particular de ingressos de cinema pode se tornar documento e preservar alguma memória.

Palavras-chave: Memória. Documento. Coleção. Coleção de ingressos. Coleção particular.

ABSTRACT

Everybody collects something in your life, intentionally or not, this paper presents a study about a private movie ticket collection and your track since the first ticket acquired until the last one. The methodological procedures used were reading and analysis of books and academic articles of social memory, history, library and information science to feed the research. From these information acquired the concepts of memory, document and collection were presented and your correlation discussed. This study propose a debate about the document value inside this collection's universe, knowing that the study's object didn't born to become a document having your essence modified by the collector. Online researches in websites about collection and cinema has been done to verify the field behavior. The private collection concept was discussed and its connection with the documents formation and memory preservation has been worked. The study points out that collecting is an activity performed since our childhood and it is fundamental to the object perservation as well and a private movie ticket can become a document and preserver some memories.

Keywords: Memory. Document. Collection. Ticket collection. Private collection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Fotografia de ingresso do show de Frank Sinatra no Maracanã.....	24
Figura 2 -	Pesquisa realizada pela revista Filme B em dezembro de 2000.....	36
Figura 3 -	Ingresso do “Salão de Novidades Paris no Rio”	36
Figura 4 -	Fotografias do caderno de “Instruções para uso dos ingressos e borderôs padronizados” de 1967 e do “Manual de rotinas” distribuído para os cinemas pelo INC.....	39
Figura 5 -	Ingresso do filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate”	45
Figura 6 -	Ingresso do filme “Harry Potter e as Relíquias da Morte parte 2” ...	46
Figura 7 -	Fotografia da Caixa depósito da coleção de ingressos.....	48
Figura 8 -	Comparação de ingressos: 2005 x 2015.....	49
Figura 9 -	Ingresso do filme “007 Operação Skyfall”	50
Figura 10 -	Ingresso do filme “Sherlock Holmes” carimbado	51
Figura 11 -	Ingresso “danificado” por funcionário do filme “O Espetacular Homem Aranha”	51
Figura 12 -	Ingresso danificado por intempéries.....	52
Figura 13 -	Mapa do Rio de Janeiro e a localização de cada cinema visitado..	53
Figura 14 -	Ingresso de cinema do filme dos Beatles	57
Gráfico 1 -	Ingressos por gênero.....	52
Gráfico 2 -	Número de visitas em cada sala de cinema.....	54

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA.....	13
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
1.4 ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS	17
2 DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE OS CONCEITOS DE MEMÓRIA, DOCUMENTO E COLEÇÃO	19
3 A COLEÇÃO DE INGRESSOS DE CINEMA COMO CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA	33
3.1 O CINEMA NO RIO DE JANEIRO	34
3.2 INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA	41
3.3 COLECIONANDO UMA DÉCADA DE HISTÓRIA	44
3.4 O TESTEMUNHO DA MEMÓRIA	55
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

O objeto a ser discutido e analisado nesse Trabalho de Conclusão de Curso tem como campo a coleção de ingressos de cinema da autora desse trabalho. O ingresso é o objeto que limita a pesquisa e é o elo entre memória, colecionismo e biblioteconomia.

No decorrer dos semestres do curso de Biblioteconomia, nós estudantes nos deparamos com as mais diversas matérias que formam a grade curricular desse curso. Somos apresentados às diversas facetas que a Biblioteconomia carrega e, é claro, gostamos de algumas matérias mais do que outras e no primeiro semestre de 2012 ocorreu meu primeiro contato com a discussão da memória na Biblioteconomia com a disciplina “Informação, Memória e Documento” a qual me instigou. Logo em seguida, no segundo semestre, a professora Leila Beatriz Ribeiro ministrou a disciplina “Tópicos Especiais em Ciência da Informação – leitura, análise e coleção a partir da ficção e das artes visuais e plásticas” e foi aí que as coleções me cativaram.

A biblioteca é uma instituição que guarda coleções, e essas coleções são um “Conjunto de documentos, que reúne itens de diversas proveniências” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 91). De maneira tradicional assumimos que as bibliotecas guardam apenas coleções de livros e periódicos como dito na *Larousse du XX siècle* “definição de ‘biblioteca’ como sendo uma coleção de livros classificados numa certa ordem, ou coleção de livros tratando de matérias especiais e com um objectivo determinado.” (PEREIRA, 2005, p. 173), mas algumas dessas instituições, como é o caso da Biblioteca Nacional, guardam além de livros, mapas, estampas, fotografias entre outros documentos que carregam com eles toda uma história, uma memória. Esses objetos foram retirados dos seus propósitos originais, do que realmente foram criados, e a eles foi atribuído o estatuto de documentos. A partir disso, comecei a pensar nas coleções particulares, as coleções que fazemos no decorrer da vida e o seu valor para outras pessoas e sua caracterização como um documento.

Para esse estudo, uma coleção de ingressos de cinema da autora desse trabalho será apresentada e analisada a fim de tentar responder algumas questões.

1.1 OBJETIVOS E QUESTÕES DE PESQUISA

Esse trabalho busca problematizar e responder as questões sobre o valor de documento dentro do universo de uma coleção particular de ingressos de cinema. Algumas perguntas já surgem inicialmente: Esses objetos de coleção podem ser considerados documentos já que alguém atribuiu um valor a ela? Ou será apenas uma coleção que possui uma memória individual atribuída a ela pelo seu colecionador? Qual a relação entre colecionismo e memória?

O objetivo é apresentar uma discussão entre memória, documento e coleção com intenção de fundamentar a possibilidade de uma coleção particular ser considerada documento, baseando-se nos teóricos que serão trabalhados.

Os objetivos específicos buscam refletir sobre o conceito de semióforo de autores renomados através da passagem de um objeto comum que muitas vezes é descartado para um objeto de coleção ao qual é atribuído significado por parte do colecionador; apresentar uma reflexão que valide os objetos de coleção particulares como documentos que testemunharam a construção identitária do indivíduo e sugerir que a guarda e o colecionamento desses objetos é um meio de “arquivar a própria vida” para que posteriormente se tenha testemunhos dos momentos vividos.

1.2 JUSTIFICATIVA

No capítulo “Ampliações” de seu livro, o escritor Walter Benjamin (1987) descreve como uma criança pega um livro para ler e como a imaginação dela flui através da leitura daquelas páginas. Ele também nos apresenta uma criança que coleciona, coleciona de tudo e que no fundo ela é todos nós, com nossa inocência infantil de tudo querer guardar, assim como diz esse trecho:

[...] Cada pedra que ela encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo que ela possui, em geral, constitui para ela uma coleção única. Nela essa paixão mostra sua verdadeira face, o rigoroso olhar índio, que, nos antiquários, pesquisadores, bibliômanos, só continua ainda a arder turvado e maníaco. Mal entra na vida, ela é caçador. (BENJAMIN, 1987, p. 39).

A minha própria coleção teve início quando eu tinha 14 anos, e é uma marca da infância que carrego ainda hoje. Essa coleção é composta por 180 ingressos de sessões de cinema ocorridas entre os anos de 2005 e 2015 e cada ingresso é

referente a um filme distinto. Dentre os gêneros assistidos estão, por exemplo, filmes de ação, de aventura, romances, comédias, filmes de animação, etc.

Ao buscar uma justificativa que relacione as práticas colecionistas e a biblioteconomia utilizamo-nos de Waldomiro Vergueiro quando esse autor apresenta alguns critérios de desenvolvimento de coleções. Vergueiro (1987, p.27) nos apresenta cinco tópicos que ajudarão o bibliotecário a montar uma política de seleção e mesmo que sejam critérios voltados para a coleção formadora de uma biblioteca os usaremos para a construção da coleção de ingressos de cinema. Podemos dizer que utilizamos pelo menos quatro desses tópicos para a construção da coleção.

A seguir apresentaremos os tópicos descritos pelo autor citado associados com a coleção particular de ingressos trabalhada:

- a) “que material fará parte da coleção (tanto em termos de conteúdo quanto de formato, incluindo a política da biblioteca para acesso aos materiais cuja posse não lhe é de interesse);”

Sempre que vamos ao cinema para assistir a um filme, recebemos um *ticket* que nos permitirá a entrada à sala designada ao filme. Esse *ticket* ou ingresso se tornará o objeto que fará parte da coleção. A coleção aqui trabalhada não se limita a determinados tipos de ingressos, como somente os impressos na bilheteria ou ingressos com um design mais bem trabalhado, aqui tanto os ingressos impressos na impressora de casa como os que retiramos na bilheteria são integrados na coleção, sejam eles em papel de rolo ou pequeninos e retangulares.

- b) “quando e sob quais condições este material poderá ingressar no acervo (políticas de seleção, aquisição, doação, etc.);”

Os ingressos fazem parte da coleção a partir do momento em que eles são adquiridos pela colecionadora, não sendo acrescentados os ingressos de outras pessoas, afinal é uma coleção de memórias e o ingresso de outra pessoa não implicará em nenhuma lembrança do filme assistido por parte da colecionadora.

Na atual coleção não há um método que ajudará ao acondicionamento especial dos mesmos e essa é uma questão que ainda será trabalhada. Pretende-se guardar esses objetos em uma pasta ou fichário, dentro deste ficará os ingressos intercalados com papel de pH neutro. Essa medida se dará para fins de evitar que as reações físico-químicas que podem ocorrer com o ingresso (que depende do tipo

de papel, da tinta utilizada na impressão do *ticket*) passem para os outros itens da coleção. Para que houvesse uma melhor conservação desse material cada ingresso deveria ser encapsulado com filme de poliéster e selado com uma máquina seladora que utiliza o calor para unir as laterais do poliéster e fazer um envelope onde o ingresso será guardado. Contudo, esse tipo de acondicionamento é muito dispendioso o que o torna inviável para essa coleção.

- c) “que necessidades específicas e de que parcelas da comunidade ele deve atender (incluindo-se os métodos para obtenção destas informações);”

O original propósito da coleção é a guarda dos ingressos para futuras consultas e rememoração das memórias da colecionadora, mas outras pessoas também podem ver a coleção quando solicitado.

- d) “como será avaliada a importância do material para a biblioteca, uma vez incorporado à coleção (métodos para avaliação da coleção);”

Todos os ingressos são importantes dentro da coleção, alguns possuem um vínculo afetivo com a colecionadora mais do que outros, mas ainda sim todos possuem a mesma intenção de significado.

- e) “quando e sob quais condições ele será retirado do acervo (políticas de remanejamento e descarte).”

O ingresso não deverá ser retirado do acervo, havendo alguma necessidade de tratamento especial, como por exemplo, secar um ingresso que foi molhado, o mesmo será tratado e posto em um acondicionamento especial para que a sua situação não prejudique toda a coleção.

1.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada no presente trabalho envolve leitura e análise de livros e artigos acadêmicos nas áreas de memória social, história, biblioteconomia e ciência da informação para levantar a questão do que seja um documento e como se apresentam algumas práticas colecionistas, já que existem discussões acerca desses assuntos. Alguns exemplos de bases utilizadas são o Portal de Periódicos da Capes, BRAPCI – Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação; Scielo – Scientific Electronic Library Online, entre outras. Revistas como Episteme, R.E.C – Revista de Estudos da Comunicação, e outras. Foram

realizadas visitas a instituições que abordam o assunto da cinematografia como o Museu da Imagem e do Som e a Cinemateca do Museu de Arte Moderna.

Da mesma forma já está sendo realizada uma busca na web para verificarmos o comportamento do nosso campo. Desde já adiantamos que ao se utilizar o termo “coleção de ingressos de cinema” recupera-se 546.000 resultados, ou seja, *links* que abordam de alguma forma sobre o termo buscado. Os *links* recuperados na primeira página são coleções de ingressos de cinema que as pessoas guardam por algum apelo emocional enquanto que outros *links* são de pessoas que estão vendendo suas coleções e/ou ingressos.

O primeiro *link* recuperado e de nosso interesse é de um blog de uma moça que fala sobre filmes e leituras, e o *link* se refere à sua coleção de ingressos de cinema. A coleção fazia 10 anos de existência em julho de 2012 e na época possuía 121 ingressos. A moça de nome Victória narra que a sua coleção tem um valor sentimental muito grande devido às emoções e histórias contadas e vividas ao assistir tanto animações quanto filmes de terror. A blogueira acha engraçado ver o passado dela a partir da formação de sua própria coleção (FERREIRA, 2012).

Além do *blog* da Victória Ferreira também aparece nos resultados da busca o blog “A vida que levo” escrito por Igor Saringer. No *blog* ele conta diversas coisas sobre sua vida diária e um artigo dele aborda o tema das coleções de ingressos de cinema que ele guarda. Ele diz que colecionar ingressos “É legal porque depois desses 10 anos, eu posso ver todos eles, lembrar os filmes que eu assisti, tentar lembrar com quem eu vi, etc.” (SARINGER, 2014). O resultado da busca também mostrou mais duas coleções de ingressos, uma só de ingressos de cinema e outra com outros tipos de ingressos. Recuperou-se também um site de recordes brasileiros onde um engenheiro florestal possui em sua coleção 246 tickets de cinema. Assim ele conseguiu o recorde de “Maior coleção de tickets de cinema”. (RANKBRASIL, 2009).

O artigo da professora Doutora Lídia Cavalcante aborda o tema da memória individual e coletiva e nele há uma passagem que explicita a necessidade que o colecionador possui e que o faz guardar para si um objeto:

A história de vida de cada pessoa faz parte de um acervo cultural amplo que integra acontecimentos aparentemente micros de um universo abrangente. Essas narrativas, quando recuperadas, buscadas e transcritas se transformam em informação, registro,

garantindo que indivíduos e comunidades reafirmem sua história, sua presença no mundo.

A memória de cada um é um ponto de partida para a constituição de acervos históricos antes esquecidos, negligenciados pela chamada história “oficial”. A memória encontra-se registrada em nosso corpo, fala, lágrimas, risos, desabafos, momentos de partida e de chegada. A partir daí vamos construindo acervos, garantindo o futuro por meio daquilo que selecionamos para lembrar, atos e acontecimentos que tiveram sentido em nossas vidas. (CAVALCANTE, 2004, p.55).

Para lembrar esses acontecimentos de forma um pouco mais precisa os ingressos da minha coleção foram classificados por gênero, lugar e hora de exibição, como está impresso e seu estado de conservação (legibilidade).

A classificação por gênero foi feita de acordo com o site *Internet Movie Database* - IMDb . Esse site disponibiliza a catalogação de filmes de acordo com o tema do mesmo, como ação, comédia, terror. Ele é em inglês, porém aceita os títulos dos filmes em português para facilitar a busca do usuário. A hora e o lugar de exibição estão transcritos nos ingressos e sendo assim foram traçados em um mapa os lugares que frequentei para assistir os filmes como apresentamos na Figura 13, assim como os gêneros assistidos mostrados no Gráfico 1. Outros procedimentos foram realizados para categorizarmos e discutirmos alguns aspectos da minha coleção e que serão aprofundados no capítulo 3.

1.4 ESTRUTURA DOS CAPÍTULOS

O Trabalho de Conclusão de Curso apresentará a seguinte estrutura: Em um primeiro momento iremos evidenciar os conceitos de memória, de documento e o de coleção para que a fundamentação teórica que envolve a discussão do trabalho seja elucidada. Em conjunto com os teóricos das áreas trabalhadas também serão abordados textos e exemplos que servirão para ilustrar as questões da pesquisa. Em seguida, ainda no mesmo capítulo, o cinema será introduzido, sua criação e disseminação mundial a partir da sua origem na França em 1895 com os irmãos Lumière, e também sua chegada ao Rio de Janeiro. Logo após a coleção em si será apresentada. A abordagem da origem do cinema se faz necessária uma vez que a coleção não existiria se o cinema não tivesse sido criado.

A coleção de ingressos de cinema será trabalhada de forma mais detalhada ao longo do capítulo 3, com a introdução de imagens para fins de ajudar na compreensão do que está sendo retratado.

Nas “Considerações Finais”, todo o conteúdo elaborado ao longo do trabalho será retomado visando responder às perguntas dos objetivos do mesmo, e sugerir que os objetos de coleção são importantes não somente nas instituições de memória como também em coleções de particulares.

2 DISCUSSÃO TEÓRICA SOBRE OS CONCEITOS DE MEMÓRIA, DOCUMENTO E COLEÇÃO

A memória é o que nos faz recordar, relembrar de momentos passados que ficaram guardados em nossa mente e que são rememoradas após a mente ser estimulada.

A memória é, em suma, o que permite a um ser vivo remontar no tempo, relacionar-se, sempre mantendo-se no presente, com o passado: conforme os casos, exclusivamente com o seu passado, com o da espécie, com o dos outros indivíduos. (POMIAN, 2000, p. 508).

E complementa que a memória é também

[...] a capacidade de repetir os comportamentos aprendidos, mas também de ressuscitar as impressões ou os sentimentos já vividos ou de os descrever oralmente; é além disso a capacidade para descrever os seres, os objectos ou os acontecimentos vistos ou observados no passado. (POMIAN, 2000, p. 508).

Apesar de a discussão sobre a memória ser tão importante ela encontra problemas, como diz Le Goff (1996, p. 29): “A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros” e a partir dessa frase podemos depreender que a memória e a história devem estar sempre juntas e assim tornar crível a memória do indivíduo.

[...] À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história. (NORA, 1993, p. 15).

Tomando como base esse texto de Nora, percebemos que devido ao desaparecimento/esquecimento, que ocorre de forma natural para nós humanos, temos a necessidade de guardar itens que nos ajudarão a manter a memória viva e é por isso que colecionamos.

Os objetos que colecionamos são guardados com zelo para desempenhar um papel, que é o de tentar evitar que a memória se esqueça. No capítulo “Coleção de

Areia” Ítalo Calvino (2010, p. 11) discorre sobre uma coleção formada por areias de muitos lugares viajados que a coleção “Tenta reconduzir à memória as sensações daquela praia, aquele cheiro de floresta, aquela ardência, mas é como sacudir aquele pouco de areia no fundo da garrafa etiquetada”, ou seja, os objetos coletados são o testemunho de acontecimentos e é através dele que a memória será despertada. E sobre a coleção de areia, pode-se acrescentar que:

Sobre este evento escreveu Ítalo Calvino, fascinado sobretudo pela diversidade patente numa colecção de areias de todo o mundo, que qualquer colecção é também um diário, de viagens, de sentimentos de estados de alma, de humores; e que o impulso secreto que leva a coleccionar e reunir uma colecção, ou a manter um diário, parte da necessidade de transformar o curso da nossa própria existência numa série de objectos salvos da dispersão. (SANTA CLARA, 2005, p. 171).

Esses objetos podem ser dos mais diversos tamanhos, materiais, formas, texturas e, formam diferentes tipos de coleção como relata Calvino (2010, p. 8): “coleções de chocalhos de vacas, de jogos de tómbola, de tampas de garrafa, de apitos de terracota, de tíquetes ferroviários, de piões, de invólucros de rolos de papel higiênico, de distintivos colaboracionistas da ocupação, de rãs embalsamadas”.

Baseado nessa apresentação da memória pode-se considerar que o homem coleciona objetos para que com isso a memória não falhe e o testemunho esteja guardado consigo, com uma proteção especial. Com a grande produção de coisas, objetos na nossa atual sociedade do consumo as pessoas passaram a colecionar materiais que são carregados de sentidos e significados para o colecionador uma vez que é através dele que será contada a história de alguém. “Os objetos que acumulamos passam a representar quem somos na sociedade, passam a medir o valor e o poder que temos”. (TOFANI, 2014, p. 19) e as coleções que formamos durante nossas vidas são “também um diário: diário de viagens, sem dúvida, mas também diário de sentimentos, de estados de alma, de humores; [...]” (CALVINO, 1990 *apud* SANTA CLARA, 2005, p. 168).

De acordo com Lopes (2010, p. 383) a vontade de colecionar pode ser um ritual de amadurecimento que é passado de geração para geração, como quando um pai dá de presente para seu filho uma coleção de bolinhas de gude, de chaves, relógios, selos, etc. Sobre esse tema ele complementa:

Ao mesmo tempo em que essa transferência de objetos tende a desenvolver ou manter certas propriedades relativas a um ciclo de vida, como os brinquedos na infância, é transmissora também de outras propriedades relativas aos padrões de organização social, de hierarquia de valores e bens e de atividades prevalentes nessas sociedades.

As coleções particulares dizem muito sobre época em que o colecionador viveu, costumes e práticas dessa época e sobre o próprio sujeito colecionador como narra Ribeiro Junior:

O colecionismo é uma importante fonte de estudos e pesquisas, pois os objetos colecionados refletem as imagens dos diversos tipos dos mesmos, de acordo com suas particularidades e características, neles estando retratados os seus aspectos culturais e até mesmo pode-se ter a história de uma nação contada, por exemplo, pelos seus selos postais ou por suas moedas. (RIBEIRO JUNIOR, 199-?, p. 2).

No artigo “Colecionismo e ciclos de vida” (p. 398) o autor faz referência ao “coleccionadoresonline’s blog”¹ onde as mais diferentes coleções são retratadas. Elas vão desde chaveiros, canetas, gibis entre outros e os colecionadores são entrevistados e contam um pouco sobre suas coleções.

Artières (1998) em seu texto “Arquivar a própria vida” expõe diversos exemplos para que se possa compreender o que é o arquivamento de memórias que vai desde a construção de uma memória e de uma identidade através da escrita de diários até alguns documentos de família que foram se formando com o passar do tempo e que conta a história da mesma e/ou de algum membro em específico dessa família.

No artigo, o autor apresenta a história de Nougier, um homem que foi preso no ano de 1899. O prisioneiro escreve um diário no qual ele narra partes da sua vida, inicialmente ele escreve de forma inconsciente, a escrita acontece de forma voluntária, mas quando suas palavras serão lidas pelo seu médico o prisioneiro começa a pensar antes de escrever. O diário apresenta trechos da escrita do detento que exhibe para os leitores todos os seus pensamentos de história de vida, da época de preso e seus erros ao longo de sua vida.

¹ Disponível em: <<https://coleccionadoresonline.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 set. 2015.

O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo. (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

O detento faz um retrato de si mesmo através de palavras, textos e frases que o descrevem e através dessas palavras ele reflete sobre sua própria vida. As memórias de sua vida são contadas inicialmente na primeira pessoa do singular e sem preâmbulos, entretanto com o decorrer da narrativa Nougier começa a se sofisticar, ele inicia textos de forma a se utilizar de metáforas para descrever sua história, seus pensamentos e começa a se autoconhecer por meio de seus relatos pessoais, “Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte.” (ARTIÈRES, 1998, p. 32).

Passado algum tempo o preso lê seu diário e acrescenta memórias nas margens das páginas que ele se esqueceu de colocar em sua primeira escrita. Através desse diário o sujeito deixa para o outro toda a sua história, lembranças, sentimentos, erros e acertos, e também é uma forma do escritor detento perceber sua própria vida. “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.” (ARTIÈRES, 1998, p. 11), arquivar sua própria vida é uma forma de reconstrução pessoal, afinal “[...] esses papéis são a tua identidade” (ARTIÈRES, 1998, p. 11), para que alguém o reconheça mesmo após sua partida através da leitura de seus manuscritos.

E por que descrever esse texto nesse trabalho? É para, exemplificar o que faço com a minha própria coleção. *Mas uma coleção de ingressos de cinema não é o mesmo que um diário íntimo!* poderão argumentar alguns contudo a coleção de ingressos tem a mesma intenção de um diário que é de “[...] manter seus arquivos pessoais para ver sua identidade reconhecida.” (ARTIÈRES, 1998, p. 14) e dessa maneira “[...] arquivar a própria vida é querer testemunhar.” (ARTIÈRES, 1998, p. 28).

De acordo com o “Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia”, documento é “Suporte da informação” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 132) e para

complementar fazemos uso do teórico Paul Otlet (1937) com o seu texto “Documento e documentação”, que discorre que “Documento é o livro, a revista, o jornal; é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música; é, também, atualmente, o filme, o disco e toda a parte documental que precede ou sucede a emissão radiofônica” e “A Documentação é constituída por uma série de operações distribuídas, hoje, entre pessoas e organismos diferentes”. Para Otlet a documentação

[...] está em toda parte onde se fale (Universidade), onde se leia (Biblioteca), onde se discuta (Sociedade), onde se colecionem (Museu), onde se pesquise (Laboratório), onde se administre (Administração), onde se trabalhe (Oficina) (1937).

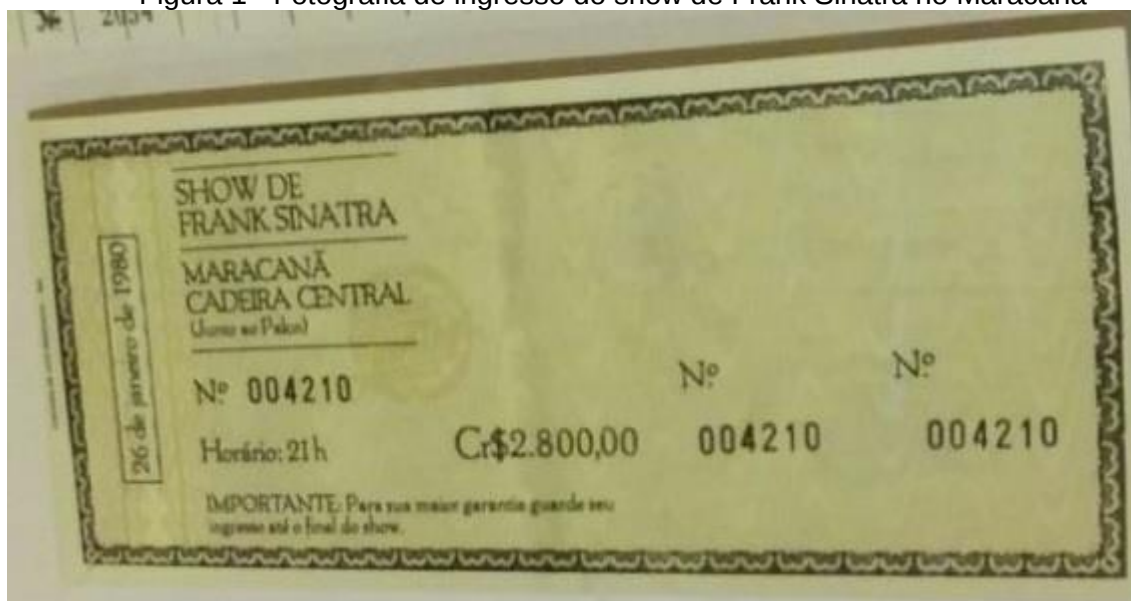
Esses documentos produzidos e documentados ulteriormente poderão ser pesquisados e assim irão gerar novos conteúdos, novos documentos assim como Otlet (1937) afirma que: “Os documentos que estes serviram para produzir são, por sua vez, novos instrumentos para a produção de outros. É o ciclo”.

As bibliotecas, assim como os arquivos e museus, são espaços onde o público pode realizar pesquisas, aumentar seu nível de conhecimento sobre determinados assuntos através da informação que os objetos dessas instituições armazenam. Esses são os lugares de memória.

[...] enquanto ‘lugares de memória’, as bibliotecas tendem a reafirmar os saberes e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis, enfim, tentam dar sentido ao saber e a fazer com o mesmo se torne um instrumento de reafirmação da “identidade” individual ou coletiva humana. (SILVEIRA, 2010, p. 69, grifos do autor).

Para ilustrar a afirmação de Otlet (1937) acima citada, apresentamos um exemplo da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Em agosto de 2015 a Cinemateca exibiu a mostra “Frank Sinatra – a voz do cinema” que através de ingressos de shows, pôsteres, exibição de filmes e até mesmo um boneco do cantor que fez sucesso entre os anos de 1940 e 1970, conta a trajetória do popular cantor. É uma “Homenagem ao centenário de nascimento de um dos mais importantes cantores da música popular estadunidense e um dos astros mais populares do cinema [...]” (MUSEU DE ARTE MODERNA, 2015).

Figura 1 - Fotografia de ingresso do show de Frank Sinatra no Maracanã



Fonte: Fotografia feita na exposição “Frank Sinatra – a voz do cinema” na Cinemateca do Museu de Arte Moderna

Esse ingresso foi exibido na exposição para que os visitantes tivessem contato com essa parte da história do cantor. Esse *ticket* exerceu sua função para o qual foi criado, que é a de comprovar que a pessoa que está com ele comprou o direito de estar naquele lugar àquela hora para prestigiar o talentoso cantor e após ter cumprido seu papel foi dado a ele outro significado e assim tornou-se testemunho e documento do evento ocorrido. E assim como Otlet afirmou, esse documento exposto está auxiliando na produção de outros documentos.

De uma maneira isolada, esse ingresso é apenas um pedaço de papel que foi guardado por alguém, mas junto à coleção é um documento de valor, ele funciona como testemunha que, de acordo com Otlet (1937), é possível a formação de coleções a partir de um conjunto de objetos.

Dodebei (1997, p. 64-65) cita algumas palavras de Moles (1981) em sua tese que explica como a sociedade classifica os objetos:

Moles conclui sobre a possibilidade de uma Sociologia Geral dos Objetos ou Ciência dos objetos em Grupo, na qual a noção de pirâmide social dos objetos leva à distinção de classes desses objetos, tais como: objetos de arte, objetos utilitários, objetos técnicos, objetos inúteis.

E dentro de todas essas classificações apresentadas podemos encontrar objetos colecionáveis que se tornam documentos para as pessoas e a minha

coleção está dentro da classe de objetos inúteis, pois para muitas pessoas meus ingressos são apenas papéis que podem ser jogados no lixo.

Sobre o tema objetos inúteis temos o texto de Ribeiro (2010), “Manias, trecos, objetos e coleções – memória, descarte e velhice nas narrativas quadrinísticas de Urbano, o aposentado”. Nesse artigo, Ribeiro analisa a coleção de objetos de Urbano, um aposentado que encontra como *hobby* colecionar os mais variados objetos que foram descartados. Ele gosta de olhar sua coleção (seu tesouro), de relembrar quando o objeto foi utilizado e,

É nesse sentido que as memórias e lembranças evocadas pelos objetos, muitos deles biográficos, pelas práticas colecionistas imprimindo relações especulares e subjetivas ao mundo reordenado de Urbano, transformam-se em possibilidades de potência, de experimentar de novo uma vida renovada para si mesmo e para o grupo que o cerca: Viajar pelos lugares através dos cartões-postais; recontar e/ou recuperar fatos por meio de prospectos de propaganda para seus amigos; compartilhar com a estátua viva na pracinha, as músicas de sua coleção de caixinhas de música etc. são formas de estreitamento e de afirmação de uma identidade, quiçá nova. (RIBEIRO, 2010, p. 8).

Cada objeto dessa coleção foi encontrado, catalogado, cuidado por Urbano e ela carrega tudo o que o representa, “A coleção tem ainda o poder de representar o indivíduo fazendo com que o objeto se perpetue como fator de ligação entre o indivíduo e o mundo que o cerca.” (RIBEIRO, 2015, p. 128).

Dodebei (1997) cita Ocampo que declara:

[...] existem documentos registrados nos mais diferentes suportes (o que dá origem ao conceito de bem cultural tangível), por outro lado existem também documentos que não se encontram registrados em suportes materiais e que nem por isso deixam de ser resultado de manifestações culturais significativas, tais como mitos de criação, lendas, superstições, músicas (bens culturais intangíveis). (DODEBEI, 1997, p. 19, grifo da autora).

Ao refletirmos sobre a citação acima é de se pensar que tudo pode ser considerado documento, mas para que isso aconteça esse objeto deve ter sido retirado de suas funções primárias e possuir um significado para alguém, visto que: “Pode-se partir do fato de que o verdadeiro colecionador retira o objeto de suas

relações funcionais” (BENJAMIN, 2006, p. 241). Nem tudo é documento e Dodebei (1997, p. 176) esclarece que:

Discutir o conceito de documento significa, antes de mais nada, compreender que a interferência da lógica e da dialética são essenciais ao resultado significativo. Dizer que tudo é documento é abdicar de sua compreensão. Dizer que documento não existe é anular a possibilidade de memória.

Mas afinal o que é documento?

Documento é uma representação, um signo, isto é, uma abstração temporária e circunstancial do objeto natural ou acidental, constituído de essência (forma ou forma/conteúdo intelectual), selecionado do universo social para testemunhar uma ação cultural. (DODEBEI, 1997, p. 175).

Em seu artigo “O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação” Murguia (2007, p. 4) narra que o jornalista Philipp Bloom publicou uma obra “que enfatiza a relação entre coleção/coleccionador” e que dentre outras coisas,

Destaca, ainda, como as coleções refletem os avanços, preocupações e representações de um período específico da história; e por último, recoloca a pergunta sobre o significado de uma coleção na época contemporânea, marcada pela produção em série e o consumo massivo e indiscriminado de bens.

Para Nora (1993, p. 9): “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”.

Conforme Dodebei (1997, p. 175) argumenta “[...] que não existe memória sem documentos, uma vez que estes só se revelam a partir de escolhas circunstanciais da sociedade que cria objetos”, podemos dizer que a coleção pode ser considerada um documento que carrega em si as memórias, emoções e a identidade do seu colecionador?

Segundo Moles (1981, p.139) “[...] A coleção é geralmente muito pouco funcional, mas frequentemente tem um início funcional [...]”. Esses ingressos guardados não possuem alguma funcionalidade atualmente, eles já desempenharam

seu papel primário que foi permitir que quem o possuísse pudesse entrar na sala de exibição do filme escolhido e que agora se tornou um semióforo. Com a coleção dos *tickets* é acrescentada a essa característica original, os sentimentos e emoções do proprietário, sendo assim o objetivo primário não é modificado, mas o seu significado o é, como nos mostra Abraham Moles (1981 *apud* DODEBEI; RIBEIRO; ORRICO, 2007, p.9):

[...] sob a ótica da teoria da linguagem, considerando uma dupla articulação, na qual a função, no sentido clássico, corresponde ao sentido denotativo traduzível em uma outra linguagem e o sistema estético ou conotativo ligado ao campo emocional ou sensorial que, sem modificar a função do objeto, acrescenta-lhe caracteres ornamentais, emocionais e ostentatórios.

A palavra coleção está presente no dia a dia das pessoas sendo o seu significado como “Reunião de objetos de mesma natureza” (MICHAELIS, 2015), entretanto para esse trabalho usaremos o significado que o historiador Pomian (1984, p. 53) atribui,

[...] uma coleção, isto é, qualquer conjunto de objectos naturais e artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades económicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e expostos ao olhar do público.

Uma coleção é formada por um grupo de objetos que foram afastados da sua finalidade e guardados com um objetivo diferente. Dito isso, “Os objectos não só têm uma vida própria, mas apresentam duas vidas, uma antes de entrarem numa colecção, e outra depois de serem coleccionados”. (ANDRADE, 2005, p. 208), eles passam por uma transformação de valores.

O colecionador quer reter as coisas que lhe agradam aos olhos e/ou ao coração, o que isso quer dizer? O colecionador guarda esses itens ou porque ele detém um valor emocional/ sentimental ou um valor monetário, entretanto RIBEIRO JUNIOR (199-?, p.3) afirma que “O colecionador propriamente dito não objetiva o lucro. Seu investimento se baseia na aquisição de conhecimentos.”, as coleções que podem ser iniciadas por todos não depende de dinheiro mas sim da vontade do ser humano de guardar objetos de valor simbólico.

[...] a coleção se coloca como um objeto importante no estudo das funções sociais da memória, e da construção coletiva desta. Ao

retirar de um objeto o seu valor utilitário e agregar um valor simbólico o colecionador institui um caráter de excepcionalidade, porém o valor simbólico atribuído a um objeto inicial pode se estender por categorizações ou semelhanças. (RIBEIRO, 2010).

E ao atribuir significados a objetos, esses ganham uma nova nomenclatura, que é segundo Chauí (2001, p. 8-9):

[...] um semióforo é um signo trazido à frente ou empunhado para indicar algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica: uma simples pedra se for o local onde um deus apareceu, ou um simples tecido de lã, se for o abrigo usado, um dia, por um herói, possuem um valor incalculável, não como pedra ou como pedaço de pano, mas como lugar sagrado ou relíquia heróica. Um semióforo é fecundo porque dele não cessam de brotar efeitos de significação.

Pomian (1984, p. 71) também discorre sobre: “[...] semióforos, objectos que não têm utilidade, no sentido que acaba de ser precisado, mas que representam o invisível, são dotados de um significado, não sendo manipulados, mas expostos ao olhar, não sofrem usura”.

Menegat sustenta que

Poucas atividades cognitivas humanas têm a transversalidade e duração do colecionismo. Essa forma de selecionar coisas e estabelecer uma significação remonta à pré-história e, mesmo, ao processo de evolução da espécie humana. (MENEGAT, 2005, p. 5).

Ou, seja, há milênios os humanos primitivos se utilizavam de objetos, formando coleções, e esses objetos possuíam um significado diferente do qual era encontrado na natureza. Com essa formação de coleções e a coleta de informações que era assimilada todos os dias e trabalhadas, o homem primitivo pode se desenvolver e evoluir. Coletar objetos e criar coleções são atividades que estiveram e estão presentes na formação do indivíduo.

No mesmo texto Menegat (2005, p. 1-2) afirma que:

[...] a ciência moderna não poderia surgir repentinamente nos séculos XVI e XVII, já plena de paradigmas revolucionários. Foi necessária, antes, uma longa caminhada de coleta, seleção de materiais e tentativas de explicar e entender o mundo que está antes do pensamento clássico e remonta à própria origem daquilo que chamamos de humano.

Os objetos colecionados pelos homens primitivos foram capazes de ajudar a reconstruir o seu passado e a contar sua história séculos após suas mortes e como o trecho anterior afirma a evolução da ciência depende desses pedaços de história que são descobertos e que são passíveis de ajudarem na construção identitária dos indivíduos e/ou grupos.

No artigo de Andrade (2005, p. 208) ele argumenta que os objetos possuem três tipos de vida, como podemos ver no trecho a seguir:

[...] tu és o teu primeiro objecto, ao circular nas utilizações das pessoas que te usam na sua vida cotidiana; o teu segundo objecto é a colecção (científica, artística, histórica, individual, etc.) que não se constrói sem ti; e o teu terceiro objecto é o colecionador, que edifica a sua identidade contigo, tu és o elemento constituinte de sua colecção.

Dito isso, os objetos primeiro utilizados para o que foram feitos. Em um segundo momento ele poderá ser posto em uma coleção e a relação com o restante da coleção irá caracterizá-lo; e em um terceiro momento de sua vida ele estará formando a identidade de seu colecionador através do seu papel na formação da coleção.

Em seu verbete intitulado “Coleção”, Pomian (1984, p. 55-62) apresenta algumas coleções e suas origens para explicar como essa prática milenar tornou-se rotineira a partir da modernidade. Ele cita algumas coisas como: o mobiliário funerário, onde os chineses guardavam tudo o que pertencia ao morto dentro de sua câmara funerária; as oferendas, que eram para os deuses ou Deus; os presentes, que eram dados para pessoas importantes e em certas ocasiões eram expostos para o público, e os despojos – objetos retirados do inimigo vencido; as relíquias, objetos que possuíam alguma ligação com um ícone sagrado, não deveriam sair do local a não ser em caráter excepcional. Devido a esse acúmulo ocorria uma lotação do local que obrigava na elaboração de catálogos para controlar esses objetos; os tesouros principescos que os poderosos possuíam e exibiam para a população. A exposição das coleções mostrava como esses papas, príncipes e autoridades eram imponentes. Com essas coleções eles mostravam ao povo como eram importantes as suas conquistas, seus legados.

Além desses objetos ainda existem outros que se tornaram coleção e que hoje nos conta como as civilizações passadas se expressavam e contam a nossa história, como os tablets de argila que “Cozidos e preservados, esses tablets formam, hoje, algumas das coleções mais notáveis dos grandes museus do mundo. Colecionáveis colecionados, desde sempre colecionantes.” (MARSHALL, 2005, p. 14).

Grecco (2003) alega ainda que:

Até o final do séc. XVIII, as coleções tinham um caráter privado. O acesso às coleções só se efetivou com a Revolução Francesa que converteu as grandes coleções reais em museus públicos, e o museu foi estabelecido como um dos instrumentos da democratização do saber.

O colecionismo nos levou a sermos o que somos hoje, devemos a ele parte da nossa identidade cultural afinal quando colecionamos, contamos um pouco da nossa memória, experiências e saberes.

[...] as colecções de objectos são ora colecções de sujeitos escritos ou objectivados, ora grupos de objectos que, por vezes, constroem o seu próprio (e o nosso) trajecto de vida sócio-cultural, sem que os actores sociais sempre se dêem conta disso. Os objectos colecionam-nos tanto quanto nós os colecionamos. (ANDRADE, 2005, p. 210).

Colecionar não é só o ato de juntar coisas, de aglomerar objetos, colecionar é dizer sem palavras o que está no fundo de nossos corações e mentes. Colecionar é guardar a identidade do objeto através do tempo. Fazer coleções é tão intrínseco aos seres humanos que nem ao menos nos damos conta de algumas coleções que adquirimos durante nossa trajetória de vida, como a coleção de amigos que cultivamos, nos preocupamos e zelamos (FERREIRA, 2005), colecionamos experiências, momentos, desejos.

Dodebei (2000, p. 59) nos elucida que “O senso comum nos indica que documento é algo material com um valor que prova a existência de alguém, de um acontecimento social”. A partir dessa explicação lançamos a seguinte pergunta: uma coleção de ingressos de cinema é de fato um documento?

O objeto/documento, primeiramente será analisado como de fato é, se um sino, uma caneta e em um segundo momento será analisado com um olhar mais

apurado, um olhar de colecionador, que perceberá as características do objeto e o caracterizará com algum valor documental assim como disserta Dodebei (2002, p. 29, grifos da autora):

O primeiro aspecto sob o qual a memória documentária pode ser percebida, “o concreto”, torna tal representação uma imagem geométrica da estrutura material da memória; o outro, “o abstrato”, prende-se ao conteúdo ideológico da coleção, isto é, à organização de dados e das noções características dos documentos contidos nela.

Em busca de respostas para essa questão temos alguns autores como Marrou (1978 *apud* Dodebei, 2001, p. 61) que afirma:

[...] constitui um documento toda fonte de informação de que o espírito do historiador sabe extrair alguma coisa para o conhecimento do passado humano, considerado sob o ângulo da questão que lhe foi proposta. [...] Mas resistamos à moda, tão difundida, do paradoxo: qualquer coisa pode tornar-se um documento para qualquer questão... Isto é verdadeiro, desde que insista no coeficiente potencial.

Com base nas duas citações acima e em argumentações anteriores podemos afirmar que a coleção de objetos que será apresentada aqui pode ser documento, uma vez que ela guarda uma memória e prova para mim e para outros que o colecionador de fato existe. Além de que “não existe memória sem documentos, uma vez que estes só se revelam a partir de escolhas circunstanciais da sociedade que cria objetos” (DODEBEI, 2000, p. 64).

Podemos ainda evidenciar a relação de biblioteca e coleção e que quase todo colecionador é um bibliotecário em potencial. Pereira (2005, p. 173) afirma que a coleção

é definida como o conjunto de publicações distintas ligadas entre si por um título comum; é [...] o reagrupamento voluntário de documentos, informações de diversas proveniências, etc., reunidas em função da semelhança de uma ou várias das suas características e ainda a totalidade de documentos postos à disposição dos utilizadores.

E o papel da biblioteca é “organizar as colecções, actualizá-las e facilitar o acesso à documentação que corresponda às necessidades dos utilizadores, nos

aspectos de informação, educação, investigação ou lazer.” (PEREIRA, 2005, p. 173), sendo assim bibliotecas e coleções muito tem em comum. A coleção é formada por determinados itens armazenados de forma que haja alguma relação entre eles e a biblioteca armazena esses itens, documentos e os classifica conforme a política da biblioteca para que as pessoas possam encontrar na coleção aquilo que se procura. Não existiria biblioteca sem as coleções que a formam, por isso a relação coleção-biblioteca se faz necessária e assim os tópicos apresentados na página 14 do presente trabalho se fazem necessários tanto para a biblioteca quanto para as coleções.

3 A COLEÇÃO DE INGRESSOS DE CINEMA COMO CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA

A palavra cinema vem do grego *kinema* que quer dizer movimento. O movimento de imagens fixas em um suporte, na película cinematográfica (filme).

Os irmãos Auguste e Louis Lumière são considerados os pais do cinema, dado que no dia 28 de dezembro de 1895 fizeram a primeira exibição pública em seu cinematógrafo (COSTA, 2006, p. 18). Apesar de essa exibição ser a mais conhecida, sabe-se que outros inventores também fizeram invenções parecidas na mesma época que a de Lumière.

O cinema foi uma invenção fantástica que atraía tanto os mais poderosos quanto os mais pobres que buscavam um meio de se divertir e passar o tempo além de ser uma grande curiosidade para a época.

A história do cinema faz parte de uma história mais ampla, que engloba não apenas a história das práticas de projeção de imagens, mas também a dos divertimentos populares, dos instrumentos óticos e das pesquisas com imagens fotográficas. (COSTA, 2006, p. 17-18).

Desde 1895 até hoje foram 120 anos de modificações no cinema partindo do vitascópio, omniógrafo, cinematógrafo que melhoraram e se aperfeiçoaram e nos deram as tecnologias atuais como o 3D, IMAX e outros.

O livro “O Museu da Inocência” de Orhan Pamuk se ambienta nos anos de 1970 e conta a história de um rapaz que se apaixona, entretanto não pode manter a relação com a mulher amada. Tendo seu romance proibido o rapaz começa a guardar todos os pertences que de certa forma pertenceram ou em algum momento teve uma espécie de contato com seu amor e constrói uma coleção com esses pertences. Em seu trabalho Tofani (2014, p. 15) analisa a obra e relata “É possível ao longo da narrativa acompanhar a trajetória dos objetos bem como as mudanças ocorridas na relação do colecionador com sua coleção”.

No capítulo 52 do livro “O museu da inocência” Pamuk (2011) descreve a paixão de seu personagem principal, Kemal, pelo cinema. O personagem narra para os leitores algumas de suas idas ao cinema com a mulher que ele amava e que não poderia ser sua. Ao todo ele possuía mais de 50 canhotos de ingressos, além de fotografias e cartazes dos filmes (PAMUK, 2011, p. 281). Em muitos filmes o público

se conecta com a história narrada e pode ver nele momentos de sua própria vida, retratando sonhos, desejos e ideias que as pessoas sentiram ou sentem e Kemal descreve para sua musa o que ele sente ao assistir aos filmes: “[...] Eles me deixam muito feliz. A maioria dos filmes que vimos durante o verão fala sobre certa dor dentro de mim, e eu sinto que me consolam.” (PAMUK, 2011, p. 290). Kemal se utiliza de alguns personagens dos filmes para exemplificar seus sentimentos, ele se identifica com esses personagens. Os filmes são o marco dos dias passados pelo protagonista e sua amada. Os filmes de certa forma contam a sua vida, seus sentimentos são personificados neles.

Ao longo do capítulo, Kemal descreve o lugar onde o cinema se encontra, descreve o cinema, o clima da noite em questão, as pessoas, o filme, os atores, sua amada, pois ele guarda em sua memória esses momentos que o marcaram. Os mais de 50 canhotos que Kemal guardou dos filmes que assistiu junto à mulher amada são testemunhos dos momentos vividos, tudo que ele se recorda e descreve fazem parte da sua própria existência e os ingressos são a comprovação disso.

A coleção formada por Kemal (que não se restringia a ingressos de cinema) ao longo dos anos foi motivada pelo amor que sentia por Fussun e cada objeto estava ali para

Que cada um fosse capaz de compreender e admirar a devoção que dedicou por tantos anos a Fussun. Que todos fossem capazes de conhecer e lembrar-se de Fussun através de sua coleção, sua figura estaria, dessa forma, eternizada por meio dos registros materiais. (TOFANI, 2014, p. 46)

As coleções são também formadas por sentimentos e fazem um papel importante como testemunhos para que aquilo não seja levado ao esquecimento. As coleções auxiliam as pessoas levar para o futuro um pedaço do seu passado fazendo com que suas memórias possam ser rememoradas através desses objetos, além de poder mostrar para outros esses testemunhos do passado.

3.1 O CINEMA NO RIO DE JANEIRO

Nesse item será abordada uma breve história do cinema no Estado do Rio de Janeiro, utilizando como fonte de pesquisa o livro “Palácios e poeiras: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro” da autora Alice Gonzaga. A utilização dessa referência é

necessária para entender a evolução que o cinema passou durante todos os seus anos de atividade: “Quando o cinema chegou ao Rio de Janeiro em 1896, instalou-se na mesma rua que dera a conhecer a maioria dos artefatos mecânicos vindos da Europa ou dos Estados Unidos, a do Ouvidor.” (GONZAGA, 1996, p. 35).

No século XIX as formas de entretenimento que os habitantes da capital possuíam não eram suficientes para a população que não podia jogar jogos de azar, nada que tirasse vantagem dos outros, e só tinham as festas das igrejas, que com o tempo mudaram e segundo Gonzaga (1996, p. 31): “Por volta de 1890, as festas de barraquinhas já estão pouco a pouco se associando aos acontecimentos mundanos, às comemorações não religiosas, abrindo caminho para dentro em pouco receber feiras, exposições e projeções cinematográficas”.

Antes de o cinema de fato se consolidar no Rio de Janeiro, o italiano Vittorio Di Maio já fazia exhibições com seu omniógrapho em Petrópolis. Para a primeira sessão de cinema foram convidadas poucas pessoas, pessoas importantes e da imprensa e todos ficaram maravilhados com a invenção que inicialmente foi feita para a distração dos nobres. O cinema aos poucos se popularizou e as classes mais pobres passaram a utilizar o cinema para sua diversão e lazer e logo as projeções se tornaram a distração da sociedade da época por ser algo novo e diferente das atividades da época, assim como relata Gonzaga (1996, p. 63) “Como se vê, o fenômeno da impressão da realidade, característico do cinema, foi utilizado para atizar a curiosidade popular, estimulando-se as reações de deslumbramento diante da perfeita ilusão”.

O cinema tornou-se tão popular que em uma cidade como o Rio de Janeiro com 5.551.538 habitantes nos anos 2000 existiam 140 salas de cinema, ou seja, 39.654 habitantes por sala, como mostra a imagem a seguir:

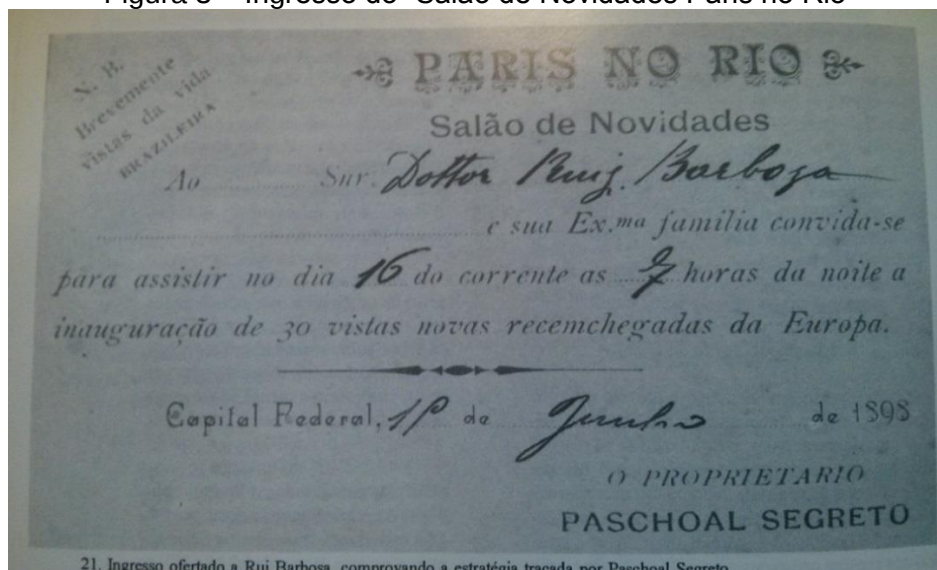
Figura 2 – Pesquisa realizada pela revista Filme B em dezembro de 2000.

Salas por capital - 2000			
CAPITAL	POP. CAPITAL	Nº DE SALAS	HAB./SALA
SÃO PAULO	9.839.066	224	43.924
RIO DE JANEIRO	5.551.538	140	39.654
PORTO ALEGRE	1.288.879	55	23.434
BRASÍLIA	1.821.946	52	35.037
BELO HORIZONTE	2.091.371	47	44.497
SALVADOR	2.211.539	38	58.198
CURITIBA	1.476.253	32	46.133
RECIFE	1.346.045	27	49.854
GOIÂNIA	1.001.756	26	38.529
FORTALEZA	1.965.513	19	103.448
CAMPO GRANDE	600.069	14	42.862
CUIABÁ	433.355	13	33.335
MANAUS	1.157.357	11	105.214
ARACAJÚ	428.194	11	38.927
BELÉM	1.144.312	9	127.146
FLORIANÓPOLIS	271.281	8	33.910
TERESINA	654.276	7	93.468
SÃO LUÍS	780.833	7	111.548
NATAL	656.037	6	109.340

Fonte: Almeida, 2000.

No livro “Palácios e poeiras” há uma imagem de um dos primeiros ingressos para o cinema oferecido pelo empresário Paschoal Segreto como parte de uma estratégia para atrair pessoas importantes para o seu cinema como mostra a imagem a seguir.

Figura 3 – Ingresso do “Salão de Novidades Paris no Rio”



21. Ingresso ofertado a Rui Barbosa, comprovando a estratégia traçada por Paschoal Segreto.

Fonte: Gonzaga, 1996.

O cinema mudou muito de 1890 para os dias atuais, mudou em sua tecnologia, seu público, arquitetura, locais de exibição, entretanto o que não mudou foi a vontade das pessoas em assistir um filme. Antes eram os cinemas itinerantes, que levavam as projeções para os lugares, ou os cinemas de rua, hoje foram substituídos, não se encontram mais no seu auge assim como os omniógraphos. Estamos na era dos cinemas nos shoppings, mas ainda sim vamos ao cinema com o intuito de nos divertir e relaxar.

Atualmente existe muita variedade de filmes, como o 2D, o 3D, o IMAX, XD e outros. A variedade também está nos cinemas, existem muitas empresas que são capacitadas para nos entreter, o cinema não está monopolizado em apenas um grupo.

Com o passar do tempo a inserção de um meio para ajudar na contabilidade dos cinemas se fez necessária. Sem um controle preciso das pessoas que de fato assistiram a alguma sessão, o fechamento do caixa do cinema não era feito com total veracidade, faltando dados. O borderô e o ingresso vieram para ajudar nessa contabilidade e para que acontecesse um controle das pessoas pagantes que adentravam os lugares de entretenimento. O ingresso é utilizado em casas de shows, teatros, festas e também em cinemas, e que dão origem ao acervo trabalhado. De acordo com o site Wikipédia (2015)

O desenvolvimento de filmes fez crescer os *nickelodeons*, pequenos lugares de exibição de filmes onde se pagava o ingresso de 1 níquel, no qual se juntavam uma grande quantidade de pessoas, chamando a atenção da elite para o poder de influencia daquelas exibições.

Diz-se que a primeira demonstração pública dos irmãos Lumière foi paga (COSTA, 2006, p. 17), entretanto durante a pesquisa não foi encontrado documento que afirme o valor cobrado nessa demonstração.

Sendo assim, como era feito para controlar o público pagante do não pagante houve algum meio de diferenciá-los, como, por exemplo, o borderô?

O borderô é uma “nota discriminativa de quaisquer mercadorias ou valores entregues” (MICHAELIS, 2015) e que no contexto do cinema é o famoso ingresso que recebemos na bilheteria. No mesmo dicionário o significado de ingresso é “Bilhete de entrada em teatro, cinema, baile etc.” (MICHAELIS, 2015), é um pedaço de papel que permite ao portador adentrar no estabelecimento, também é chamado

de *borderaux*. Mesmo que não se colectione ele ainda é uma “prova de eventos e ações culturais. Existe um diálogo entre o objeto selecionado e o técnico que o inseriu na memória documentária. Existe um diálogo entre documento e o público ou usuário.” (DODEBEI, 1997, p. 131).

Desde o início do cinema no Brasil em 1896 os ingressos eram oferecidos ao público como comprovante de pagamento da entrada e ao se encaminhar à sala o mesmo era entregue ao fiscal para que a passagem fosse liberada. Apesar disso, as fraudes eram grandes como mostra o trecho a seguir da revista “Ultima Hora”:

Barreto vê a informatização chegando com 10 anos de atraso e, como produtor, denuncia os desvios normalmente sofridos pelo cinema brasileiro: nas cidades grandes, ele costuma ser de 40% do que é arrecadado, enquanto que nas médias pode chegar a 200% dos valores declarados. Não raro, no interior a sonegação chega a até 1.000% dos valores divulgados. (GIRAFA, 1989).

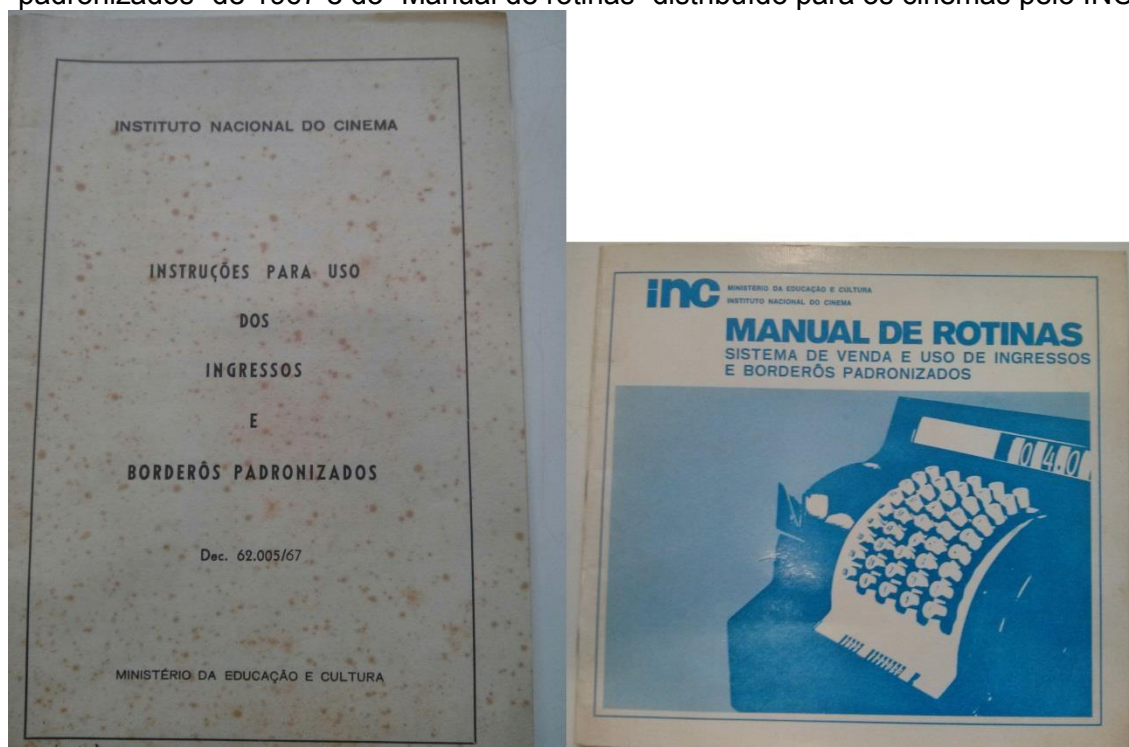
Em 1966, o ex-presidente Castello Branco, decretou a criação do Instituto Nacional de Cinema – INC

[...] com o objetivo de formular e executar a política governamental relativa à produção, importação, distribuição e exibição de filmes, ao desenvolvimento da indústria cinematográfica brasileira, ao seu fomento cultural e à sua promoção no exterior. (BRASIL, 1966).

Além dessas tarefas, o INC também era responsável pela padronização dos ingressos de cinemas para melhor administrar o dinheiro arrecadado nas sessões. De acordo com a Wikipédia (2011)

O INC tornou obrigatório o uso do ingresso padronizado, de borderô e de caixa registradora nas salas de cinema de todo o país, atendendo a uma antiga reivindicação dos produtores que não tinham como controlar o número real de ingressos vendidos, a fim de receber a sua porcentagem da bilheteria. Os desvios, que continuaram sendo verificados na década seguinte pela fiscalização, certamente se tornaram menores do que antes da adoção do ingresso padronizado.

Figura 4 – Fotografias do caderno de “Instruções para uso dos ingressos e borderôs padronizados” de 1967 e do “Manual de rotinas” distribuído para os cinemas pelo INC



Fonte: Cinemateca do Museu de Arte Moderna

Os dados coletados e armazenados nos borderôs calculam os valores que o cinema está arrecadando. Os valores estão atrelados à contabilidade do cinema, uma vez que esse relatório guarda o número de pessoas que foram às sessões, quais salas tiveram maior público, quantas meias-entradas e inteiras o cinema teve aquele dia, etc. Entretanto, o ingresso não é somente um documento que serve de testemunho para a contabilidade do cinema, mas também contribui como prova dos momentos da economia brasileira.

De acordo com o crescimento econômico do Brasil em diferentes décadas e governos, os donos de cinemas requisitavam o aumento do valor de seus ingressos, já quando a economia ia mal o valor abaixava e através dos ingressos pode-se ter uma boa noção do caminhar da economia. Os ingressos podem contar histórias e através deles podemos saber que medidas estavam sendo adotadas naquele período, como, por exemplo, se havia algum incentivo para a produção de filmes nacionais ou se a importação de filmes hollywoodianos estava sendo estimulada. Esses dados coletados traçam o perfil do público e do momento econômico do país. O cinema está intimamente entrelaçado à economia.

Além de contar história, o ingresso de cinema também fez história. Durante pesquisas feitas a documentos (recortes de jornais) realizadas na Cinemateca do Museu de Arte Moderna descobriu-se que sempre existiu um confronto de interesses entre os estudantes e os donos de cinema. Nos artigos é retratada a luta dos estudantes para que o seu direito de ter meias-entradas seja cumprida. Em 1983, o Conselho Nacional de Cinema (Concine) extinguiu a meia-entrada dos estudantes, mas em contrapartida estabeleceu horários para as meias durante toda a semana, inclusive sábado e domingo, mas assim mesmo os estudantes sempre reivindicavam e protestavam seu direito à meia-entrada em qualquer sessão e em qualquer horário.

A meia-entrada é um direito que os estudantes possuem para aumentar seu desenvolvimento cultural. Grande parte dos artigos pesquisados aborda o tema da meia-entrada, seja devido as fraudes das carteirinhas, seja pelo aumento das meias, até mesmo abordando o aumento do valor do ingresso, a luta pelo direito à meia-entrada, de meia para os idosos, empresas “roubando” no valor do ingresso (gerando redução de público), etc.. As roletas eletrônicas começaram a ser introduzidas nos cinemas para um maior controle de público, sendo assim maior controle financeiro do cinema, em tese. Apesar dessa medida as fraudes, em relação ao número de frequentadores do cinema ainda aconteciam.

As discussões sobre cinema nos artigos dos jornais consultados eram sempre cíclicas, sempre abordando as meias-entradas para estudantes, as fraudes que ocorriam nos cinemas (décadas de 80 e 90), dias que os cinemas exibiam filmes mais baratos, carteiras de estudantes falsas, etc. Um ponto bastante abordado nos jornais era a mudança do cruzeiro real para o real que encareceu muitas coisas na década de 90, entre elas boates, shows, teatro e o cinema.

Ao analisar e fazer o levantamento de todos os ingressos da coleção da colecionadora através da identificação e classificação percebeu-se que 95,9% deles são provenientes da rede de cinemas Kinoplex, uma das principais redes de exibição de filmes do Rio de Janeiro. O Kinoplex é uma marca relativamente recente do Grupo Severiano Ribeiro que faz parte da existência do cinema brasileiro há quase 100 anos.

Luiz Severiano Ribeiro nasceu no Ceará no ano de 1912, Luiz Severiano Ribeiro Filho (mais tarde, com a morte do pai, tiraria o Filho do nome) hoje tem seu

nome conhecido em todo o Brasil com sua rede de salas de exibição de filmes (atual Kinoplex).

O primeiro cinema realmente importante construído em Fortaleza foi o Majestic-Palace, inaugurado por Plácido de Carvalho em 14 de julho de 1917. [...] No porão do cinema, Severiano Ribeiro tinha instalado outro de seus depósitos de gelo. Acercando-se do proprietário, sugeriu-lhe uma solução para o impasse. Ficaria com o prédio e a sala por arrecadamento, enfrentando a concorrência e arcando com os possíveis prejuízos. (GONZAGA, 1996, p. 176)

Nesse trecho a autora narra o primeiro contato que Severiano Ribeiro tem com o cinema, ele compra o Majestic-Palace e faz de tudo para que o cinema cresça. O cinema era para todas as classes, mas em uma época onde só a elite tinha como pagar para se divertir e distrair, Severiano Ribeiro abaixa os preços das entradas de exibição dos filmes (os ingressos) para que pudesse abranger um público maior.

Severiano Ribeiro pensava grande e quando o único distribuidor cinematográfico sediado em Recife abriu falência, ele aproveitou para pegar para si os contratos das importadoras do Rio de Janeiro (GONZAGA, 1996, p. 176) e com isso iniciou seu plano de trazer seus negócios para o Rio de Janeiro que na época era a capital federal do país. Chegando ao Rio para morar com sua família, Severiano queria descentralizar o circuito dos cinemas na capital e assim ele começou a construção do São Luiz um cinema com todos os requintes, localizado no bairro do Catete e na época próximo ao palácio do presidente da República.

Para expandir seus negócios, Severiano comprava outros cinemas e os absorvia para competir ainda mais com outros cinemas. Com o passar do tempo, sua expansão proporcionou a criação da marca Kinoplex que foi responsável pelo primeiro multiplex do Brasil.

3.2 INSTITUIÇÕES DE MEMÓRIA

O cinema é chamado de a sétima arte e ao longo desses mais de 100 anos desde a primeira exibição um local de guarda desses filmes e por vezes de equipamentos foi criado, a cinemateca. Para Freire (2008):

A função de uma cinemateca ou de um arquivo de filmes é salvaguardar o patrimônio audiovisual, preservando, de acordo com suas políticas de acervo, um determinado conjunto de obras audiovisuais e garantindo – no presente e no futuro – seu acesso nas condições mais próximas daquelas em que foram originalmente apresentadas.

Baseando-se na descrição a cima, a cinemateca é uma coleção de objetos, mais comumente de filmes de cinema que zela pela sua salvaguarda e preservação para que não se perca com o passar dos anos e permitindo que mais gerações possam usufruir dessa arte centenária.

As cinematecas além de guardarem material audiovisual também podem guardar de outros tipos como os acervos de documentos que podem possuir diversos tipos de materiais como os de divulgação dos filmes, posters, brindes, roteiros, revistas sobre filmes e cinema, e ingressos de cinema.

Esses materiais citados são de importância fundamental inclusive para a preservação do contexto de uma obra e dela mesmo em si – lembrando, por exemplo, de seu papel nos complexos processos de restauração – ou, até mesmo, dando alguma informação sobre obras que se perderam definitivamente. (FREIRE, 2008)

A Cinemateca do Museu de Arte Moderna é referência quando o assunto é documentos cinematográficos, possui um acervo que:

[...] atinge atualmente cerca de 80 mil rolos de filmes, 60 mil títulos em mídias magnéticas e digitais, biblioteca com 10 mil volumes, arquivo documental com 28 mil dossiês de publicidade e imprensa, 250 mil negativos e cópias de fotografias, 22 mil cartazes de filmes e eventos, além de catálogos, filmografias, obras de referência, brinquedos, equipamentos e diversas outras tipologias documentais. (MUSEU DE ARTE MODERNA, 2016).

Quando não há a conservação e a preservação dos filmes, os mesmos podem se perder para sempre e assim sua existência será desconhecida caso não haja outros materiais que possam documentar e comprovar sua existência. Esses materiais são fontes de informação tanto em casos extremos – como a destruição do filme – como também para estudiosos e pesquisadores que vão às cinematecas em busca respostas e que apenas as encontrarão na pesquisa a esses materiais.

A relevância desse “papel” é ainda maior quando nos recordamos da importância de se preservar não apenas a produção cinematográfica (os filmes), mas também diferentes aspectos da atividade cinematográfica como um todo – exibição, distribuição, crítica, recepção, tecnologia, economia etc. – e que amplia significativamente o universo de documentos que devem ser conservados por uma cinemateca. (FREIRE, 2008).

As cinematecas são a principal fonte de informação quando a pesquisa são os filmes, pôsteres, materiais sonoros, aparelhagem que elas armazenam, entretanto outras fontes não são muito aceitas por elas. Algumas cinematecas podem se recusar em guardar alguns tipos de materiais que não sejam os próprios filmes e isso

[...] se deve à concepção generalizada de que a função de uma cinemateca é simplesmente “preservar filmes de cinema”, enquanto outras instituições, como bibliotecas e arquivos públicos, já teriam como tarefa primordial conservar livros, revistas e outros materiais dessa natureza. (FREIRE, 2008).

Algumas outras instituições como a Biblioteca Nacional guardam acervos referentes ao cinema como livros, revistas, alguns documentos relacionados à atividade. Tomemos a Biblioteca Nacional como exemplo, ela é responsável pela “execução da política governamental de captação, guarda, preservação e difusão da produção intelectual do País.” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2015), sendo assim ela é responsável pela disseminação da informação e fornece as informações sobre o cinema que está disponível em seu acervo. Ela disponibiliza seu acervo para os visitantes que podem consultá-lo, quando a peça está apta para a consulta, e também oferece consulta nos meios digitais através Hemeroteca Digital, onde os documentos são microfilmados e disponibilizados.

Na Biblioteca Nacional há setores que são responsáveis pela preservação, conservação e restauração do acervo da instituição, quando uma obra vai ser microfilmada, ela passa por esses setores. Se a obra está muito danificada, acidificada, rasgada, com fungos ela é mandada para o setor de Restauração que irá trabalhar nesse documento para que possa ser manipulado pelas pessoas, agora se está em bom estado ou apresenta poucos danos é enviada para o setor de Conservação e Encadernação no qual passará por processos mais simples do que os do setor de Restauração. Após essa etapa o documento é enviado para o setor

de microfilmagem ou digitalização para que a equipe trabalhe nele com segurança (tanto para a equipe quanto para o documento) e assim possa ser disponibilizado para o público. Alguns periódicos brasileiros sobre cinema que estão na Hemeroteca disponibilizados são “O Cinematographo” do ano de 1911 e “Cine Reporter” de 1934.

As cinematecas possuem características similares às das bibliotecas como a classificação, catalogação, organização, preservação dos seus acervos, além de disseminar a informação resguardada. Ao longo dos anos ocorreram algumas perdas de documentos e as três maiores causas de destruição foram:

A primeira ocorreu ao final da Primeira Guerra Mundial quando o longa metragem se consolidou como produto preferido pelo público. Não havia mais sentido para os produtores manter em estoque os velhos filmes de um ou dois rolos de tamanho. Não havia mais mercado para eles. Dissemina-se nesse momento a prática do reaproveitamento de matéria-prima, dissolvendo-se as películas para reobtenção da prata ou fornecimento de celulose para a fabricação de piaçava de vassoura. A segunda grande onda de destruição ocorreu por ocasião do advento do som a partir de 1927. Mais uma vez, o sucesso junto ao público determinou a obsolescência precoce de milhares e milhares de filmes reduzidos à condição de estorvo anti-lucrativo. A terceira onda se deu em 1950 por conta da troca da película de nitrato, inflamável, pela de acetato, não inflamável, o que implicou em novas tecnologias de projeção e na inadequação dos filme em nitrato frente ao panorama que se seguiu.(HEFFNER, 2001)

Para evitar que esses itens sejam destruídos e/ou sofram danos, a cinemateca faz-se tão necessária quanto os profissionais que fazem/farão parte da equipe, esses profissionais devem ser corretamente qualificados para que não haja a perda destes materiais tão importantes, além de medidas especiais que manterão esses itens salvaguardados de sinistros e danos causados pelo homem.

3.3 COLECIONANDO UMA DÉCADA DE HISTÓRIA

A minha coleção de ingressos de cinema teve seu início em 27 de julho de 2005 com o filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate” (Figura 1), um *remake* do filme de mesmo nome produzido em 1971 e baseado no livro de 1964. A guarda desse ingresso foi motivada por duas razões, a primeira era o meu ator favorito interpretando o excêntrico Willy Wonka; e a segunda razão era a liberdade que aquele dia me proporcionou, eu estava indo ao cinema com uma amiga – sem meus pais – pela primeira vez.

Figura 5 - Ingresso do filme “A Fantástica Fábrica de Chocolate”



Fonte: autora.

Durante a exibição me senti em um lugar mágico, onde eu poderia entrar na história de outra pessoa durante alguns minutos, uma coisa que só acontecia quando eu lia, pois afinal ler é se transportar para outro universo sem sair do seu próprio mundo.

Ver-se ali era um convite para entrar sem mais espera na realidade das imagens e viver experiência parecida com aquela da menina Alice: deixar-se cair no país das maravilhas, passear no país dos espelhos. (GONZAGA, 1996, p. 9).

Sempre fui uma boa leitora e meus livros preferidos sempre foram de ficção, apesar de ler todos os gêneros, e depois dessa experiência com o cinema eu sempre queria voltar para assistir meus livros favoritos nas telonas e poder comparar minha própria imaginação com o que o diretor fez na sua adaptação. Pensando nisso, tenho o exemplo de Harry Potter, uma saga que marcou toda uma geração e comigo não foi diferente. Infelizmente não pude acompanhar todos os lançamentos dos filmes, entretanto, me lembro da energia de encontrar meus amigos para ver o filme no cinema e já sair da sala marcando de assistir juntos novamente o próximo. Recordo-me também da tristeza sentida na sala do cinema quando “Harry Potter e as Relíquias da Morte, parte 2” (Figura 6), o último filme foi exibido, muitos choros, soluços, caras inchadas e é claro que eu também estava nesse grupo.

Figura 6 – Ingresso do filme “Harry Potter e as Relíquias da Morte parte 2”



Fonte: autora.

Para exemplificar melhor a maneira como Harry Potter marcou uma geração inteira Gama (2005, p. 3) descreve em seu artigo “Tesouro e afectos em Harry Potter” o início da sua coleção de objetos relativos a esse mundo do menino bruxo que conquistou crianças, jovens e adultos com suas aventuras às vezes de conteúdos de difícil entendimento para os mais novos e que convidava “crianças de dez anos a lerem livros com cerca de seiscentas e setecentas páginas [...]”. Ela conta que montava uma exposição com os objetos de sua coleção na escola em que trabalhava e notava que os jovens se interessavam pelo assunto. Ela começou a perceber que “os livros começaram a ser requisitados para leitura e passados tempos aquela <<criançada>> invadia-me a biblioteca para falar desta ou daquela personagem” (GAMA, 2005, p. 3, grifo da autora).

Desde o primeiro ingresso guardado até hoje se passaram 180 filmes e uma mistura de sentimentos, sensações e emoções que só o cinema causa em mim. Esse *mix* fez com que eu adquirisse o hábito de gostar de guardar esses *tickets* para me lembrar desses dias, para que ao olhar novamente esse ingresso haja uma rememoração do dia desse acontecimento, da história que ocorreu no filme, na minha vida, preservando momentos que apenas eu conheço. A coleção conta uma

história, a minha história, e com o passar dos anos essa coleção e essa história só aumenta.

Quando o olhar pousa, mesmo furtivamente, numa peça de uma determinada coleção adquirida, por exemplo, numa viagem, logo se desencadeia uma cascata de imagens, de sensações, emoções que nos transportam a um passado mais ou menos remoto, e todo o recordar é um voltar a viver, se bem que de modo diferente, mas, volta-se a viajar. (JANEIRA, 2005, p. 176).

Ferreira (2005, p. 2) também aborda o tema de observar a coleção guardada pelo colecionador:

Sempre que lhes presto atenção, tudo pára nesse instante e, numa outra dimensão de Espaço e Tempo, revisito lugares há muito visitados, recorro cheiros jamais esquecidos, combinações de cores irrepetíveis e, como os condores dos Andes, domino do cimo do mundo, num golpe de memória, os mares e os rios, as planícies e as montanhas, anulo as fronteiras, refaço viagens por ordem diferente e retorno ao ponto de partida para partir tão logo que possa.

Após tantas idas e vindas ao cinema, eu não me recorro de todos os filmes assistidos de cabeça, mas ao pegar meus ingressos a memória dá um *click* e me recorro do filme, do momento e das pessoas presentes. Mesmo quando não me recorro do filme por algum motivo ter o ingresso é a prova de que estive naquele lugar, naquela hora, assistindo determinado filme.

Esse olhar, porém, não explica a fundo esse comportamento singular. Pois não é esta a base sobre a qual se constrói uma contemplação “desinteressada” no sentido de Kant e de Schopenhauer, de tal modo que o colecionador consegue lançar um olhar incomparável sobre o objeto, um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas do que o olhar do proprietário profano, e o qual deveria ser melhor comparado ao olhar de um grande fisiognomista. (BENJAMIN, 2006, p. 241, grifo do autor).

O motivo para se guardar objetos de coleção é intrínseco ao indivíduo, e apenas ele saberá o que aquele objeto/documento representa em sua vida. A coleção é uma espécie de diário narrado pelo colecionador onde há “a necessidade de transformar o curso da nossa própria existência numa série de objectos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo dos pensamentos.” (CALVINO, 1990 *apud* SANTA CLARA, 2005, p. 168) e é o que nos

representam: “As minhas colecções fazem parte de mim. Elas, sem mim, por certo não seriam como são.” (JANEIRA, 2005, p. 176).

Eles, os meus ingressos, estão guardados comigo como o testemunho do que vi e vivi. Assim é que, como ilustrado na Figura 7, venho guardando em uma caixa esses testemunhos.

Figura 7 – Fotografia da Caixa depósito da coleção de ingressos



Fonte: autora.

Essa coleção está se desenvolvendo porque é uma parte de memória guardada sobre o evento assistido e devido a isso foi atribuído a ela um sentimento, que é o de nostalgia ao olhar para os *tickets* e ter neles o testemunho do acontecimento. Ela pode ser considerada pelos outros como uma inutilidade, um acúmulo de papel que já serviu ao seu objetivo e deveria ser jogado fora, mas não é assim para o colecionador, nesse caso, eu mesma. Para Ribeiro (2010, p. 4) “[...] um colecionador, é sempre um interlocutor a presentificar a memória de um indivíduo ou de um grupo, lutando contra a dispersão das coisas e do esquecimento.”

Conforme se pode notar em todos os ingressos apresentados ao longo do trabalho que quase todos contêm dados como: o nome do cinema, o título do filme, o horário, a data, a disposição dos lugares, o valor do ingresso, etc. No entanto, apesar de toda essa semelhança eles também possuem características próprias do objeto quanto ao formato, o papel no qual foi impresso, a tinta, etc., tendo em vista as diferentes formas de aquisição. Podemos ainda salientar que eles também

possuem características intrínsecas que podem por ventura danificá-los, como descrevem os exemplos a seguir:

1 - O tipo de papel e tinta utilizados para a produção dos ingressos impressos na máquina dentro do shopping são diferentes. Alguns ingressos de 10 anos atrás conseguem ser legíveis até hoje e outros do atual ano não conseguem ser lidos com facilidade. E isso acontece também com ingressos da mesma rede de cinemas. Alguns ingressos estão tão ilegíveis que ao scaneá-los tenho que diminuir o brilho da imagem para que se possa ler alguma coisa (ver Figura 6).

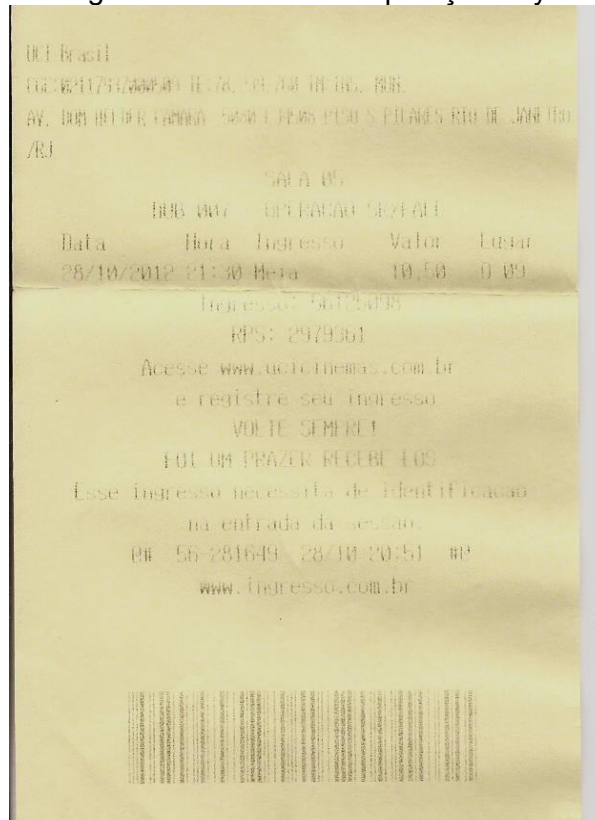
Figura 8 – Comparação de ingressos: 2005 x 2015



Fonte: autora.

Os ingressos de 2012 que foram impressos na máquina com o papel de rolo estão perdendo sua tinta apesar de serem guardados no mesmo ambiente que os demais. Ainda que não estejam ilegíveis, todavia estão bem claros. O ingresso com mais legibilidade do ano de 2012 é o do filme “007 Operação Skyfall”.

Figura 9 – Ingresso do filme “007 Operação Skyfall”

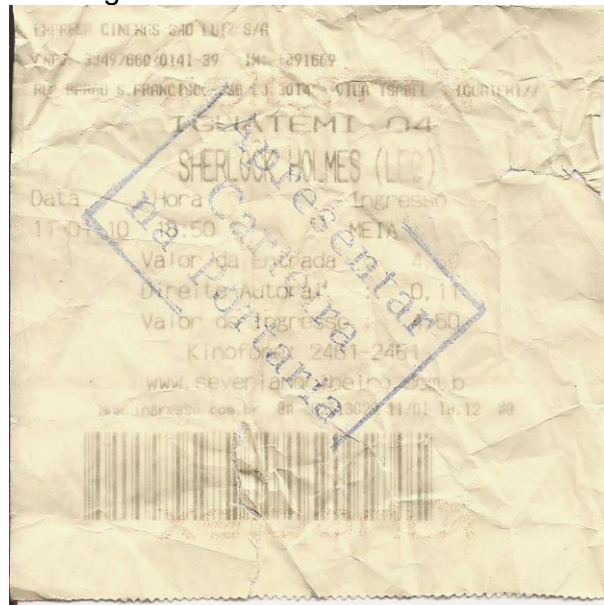


Fonte: autora.

Outros tipos de danos podem ocorrer com os ingressos, tais como os feitos por funcionários que precisam marcar de alguma forma o ingresso já utilizado, os danos causados por acidente, como ser banhado por chuva como pode ser observado abaixo.

2 – O carimbo que marca os ingressos indica que o mesmo foi verificado, ou se é preciso apresentar a carteirinha de estudante para pagar meia, como observa-se no segundo exemplo da figura 8 e o da figura 10.

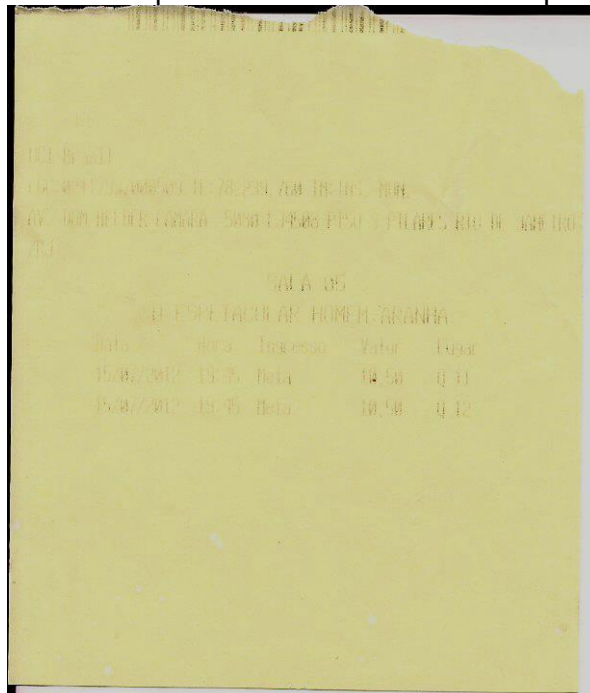
Figura 10 – Ingresso do filme “Sherlock Holmes” carimbado



Fonte: autora

3 – Para que o bilhete não seja reutilizado os funcionários do cinema o rasgam como um meio de identificar que a pessoa já entrou na sala do filme, logo o ingresso não pode mais ser utilizado. No caso apresentado na Figura 11 o ingresso em si ficou com o funcionário do cinema que verifica cada ingresso, sobrando apenas a localização dos assentos.

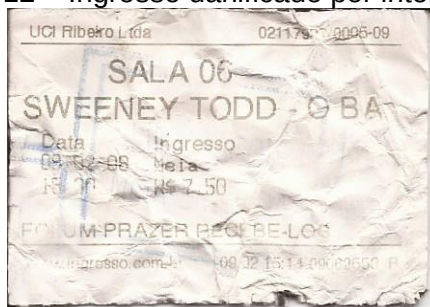
Figura 11 – Ingresso “danificado” por funcionário do filme “O Espetacular Homem Aranha”



Fonte: autora.

Apesar de guardar o novo ingresso para inseri-lo na coleção às vezes imprevistos acontecem e o bilhete sofre danos, o exemplo apresentado abaixo mostra um ingresso que foi bastante danificado por forte chuva.

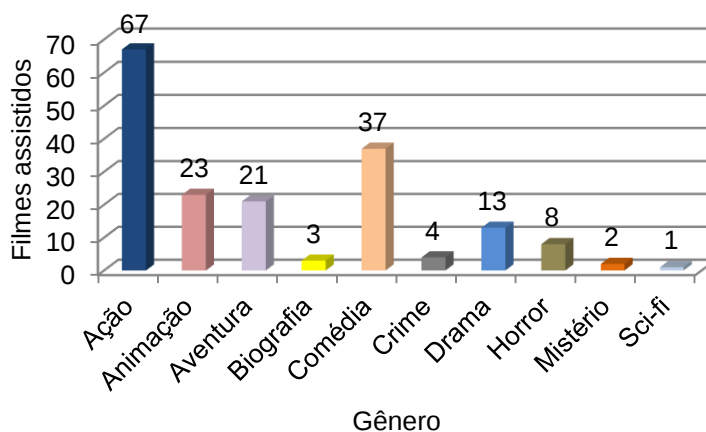
Figura 12 – Ingresso danificado por intempéries



Fonte: autora.

Como dito anteriormente, uma das formas de categorização utilizada para organizar os ingressos foi a classificação do gênero. A classificação por gênero foi feita de acordo com o site *Internet Movie Database* - IMDb . Esse site disponibiliza a catalogação de filmes de acordo com o tema do mesmo, como ação, comédia, terror, etc.. Ele é em inglês, porém aceita os títulos dos filmes em português para facilitar a busca do usuário pelos títulos desejados. A seguir no Gráfico 4 apresentamos a representação dos tipos de gêneros assistidos. No site IMDb a classificação dos filmes pode conter vários gêneros para um mesmo título. No entanto, para o nosso perfil escolhido optamos por trabalhar com apenas o gênero principal dos filmes.

Gráfico 1 - Ingressos por gênero

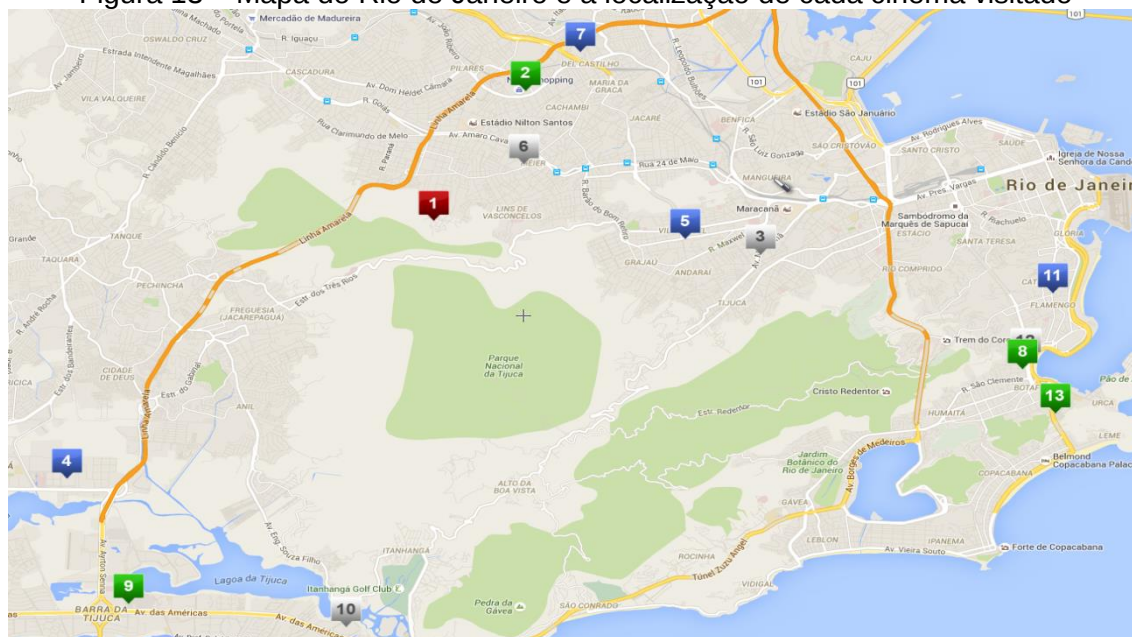


Fonte: Adaptado do IMDb.

Nos ingressos também constam informações como hora, lugar de exibição, entre outros (como pode ser observado nas Figuras 1 e 2), e a partir do lugar de exibição foram traçados em um mapa os lugares que frequentei para assistir os filmes, como apresentado na Figura 13. Ao observar a figura pode-se traçar um perfil da colecionadora, lugares que frequenta/frequentou para sentir as emoções que assistir a um filme pode causar.

Ao buscarmos um mapeamento dos cinemas visitados para assistir aos filmes dos ingressos colecionados percebemos que essa cartografia afetiva se estrutura muito em função da proximidade dos cinemas com a minha casa e com a Escola de Biblioteconomia/UNIRIO como podemos perceber no mapa abaixo. A qualidade do cinema, além da qualidade do filme a ser assistido também são fatores determinantes para as idas nesses lugares.

Figura 13 – Mapa do Rio de Janeiro e a localização de cada cinema visitado



Fonte: a própria autora adaptado do site: <https://www.scribblemaps.com>

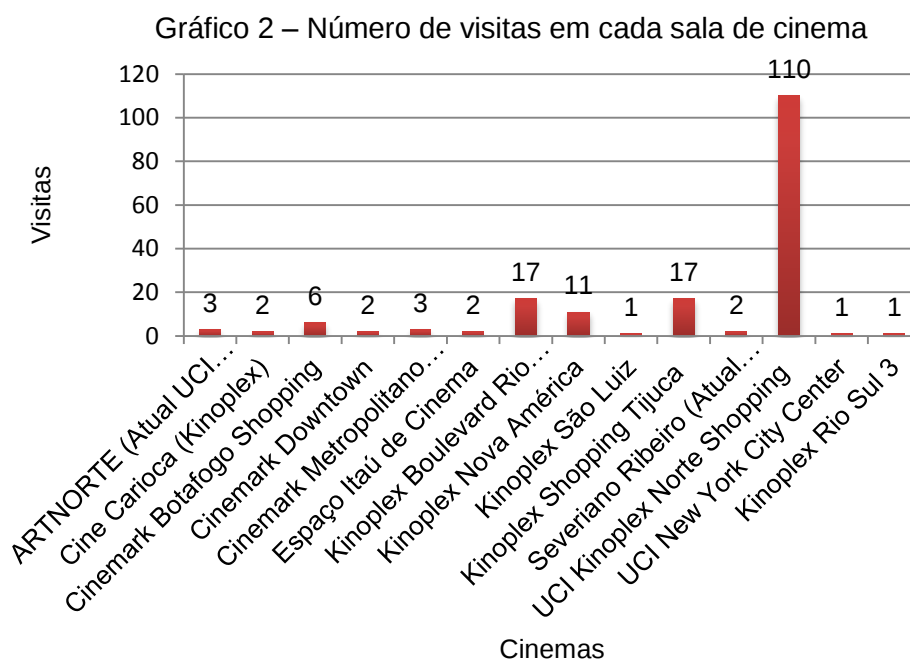
Legenda:

- 1 – Minha casa
- 2 – Norte Shopping
- 3 – Shopping Tijuca
- 4 – Shopping Metropolitano Barra
- 5 – Shopping Iguatemi
- 6 – Cine Carioca Méier
- 7 – Shopping Nova América
- 8 – Botafogo Praia Shopping
- 9 – New York City Center
- 10 – Shopping Downtown

- 11 – Kinoplex São Luiz
- 12 – Unibanco Arteplex
- 13 – Shopping Rio Sul

Ao identificar e classificar os 180 ingressos, observou-se que o cinema mais visitado foi o Kinoplex Norte Shopping com 110 visitas e através dessa classificação podemos perceber que com essa coleção é possível contar a história desse cinema, desde quando ele era o ARTNORTE que se situava dentro do shopping (não na expansão como atualmente é) pertinho do Teatro Miguel Falabella.

No Gráfico 2 os ingressos estão divididos por cinema visitado e seus respectivos números de visitas, mas não só isso. No caso dos cinemas Norte Shopping e Iguatemi podem-se observar algumas mudanças nos nomes desses cinemas. Hoje esses dois cinemas fazem parte de uma rede de cinemas chamada Kinoplex, rede esta pertencente ao grupo Severiano Ribeiro.



Fonte: autora.

A primeira aparição do nome ARTNORTE está registrada no *ticket* do filme *Click* de 2006, e é um testemunho da evolução desse meio de entretenimento antes de se tornar um UCI Kinoplex. Fazendo uma pesquisa nos sites oficiais do *shopping* e do grupo não há menção dessa mudança de nome, nem da antiga localização no interior do *shopping*, essa parte da história desse cinema está contada apenas na minha coleção e guardada na minha memória.

3.4 O TESTEMUNHO DA MEMÓRIA

Ao manusear uma coleção de ingressos de cinema, o proprietário tanto pode se lembrar do filme que foi assistir como de algum evento que ocorrera naquele mesmo dia. Halbwachs (2004, p. 29) nos diz que: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, [...]”, ou seja, ao guardar os *tickets* de cinema estamos guardando uma “testemunha” do ocorrido, estamos guardando um objeto que irá nos rememorar o evento assistido. Poderá admirar-se em como o tempo já passou ao olhar no ingresso a data em que assistiu o filme. Essas reevocações podem ocorrer a outras pessoas que tenham contato com essa coleção, mas o ponto de vista será o dele próprio e não o do proprietário dos ingressos.

Na História, um documento só é considerado como tal se um historiador o atribuir valor a ele, logo uma coleção particular de ingressos de cinema não poderá ser caracterizada como um documento, mas o proprietário a caracteriza como um, pois foi atribuída a ela uma nova função pelo colecionador, a função de um documento que guarda a memória de um acontecimento particular e que ajudará o colecionador a relembrar determinados acontecimentos em sua vida.

Em resumo, para entender o valor dos objectos, sejam eles únicos ou em série, gozando de uma vida plena de utilizações e imbuída de aspectos sócio-simbólicos, ou encontrando-se integrados numa colecção, é preciso insistir nesta convicção referida supra: os objectos apresentam, simultaneamente, uma biografia individual e uma genealogia colectiva. (ANDRADE, 2005, p. 210)

No episódio 304 da temporada 14 da série “Trato Feito”- uma série de televisão sobre compra e venda de objetos - um senhor apareceu querendo vender um par de ingressos de cinema de 1964 do filme “A Hard Day’s Night”, no português foi traduzido para “Os Reis do lê, lê, lê” (ver Figura 14). Por que esses ingressos são importantes? Pelo simples fato de ser o primeiro filme da banda “The Beatles”, banda de rock britânica que tem seu nome consagrado até os dias de hoje na música.

Para o proprietário, aparentemente, não há um vínculo emocional entre ele e o objeto mas sim a vontade de lucrar em sobre ele, uma vez que “Dentro da sociedade capitalista, pode-se dizer que o objeto do colecionismo torna-se também

um objeto não unicamente de troca, mas de consumo” (MURGUIA, 2007, p. 3). Em contrapartida, o colecionador que possua uma coleção com o tema Beatles e quiser incorporar esses ingressos à sua coleção estará adquirindo um semióforo de grande valor. Esse colecionador não terá a memória que esse item carrega, pois se ele não assistiu ao filme ele não poderá remeter uma lembrança sobre o mesmo apenas da compra desse ingresso e ao incorporá-lo à coleção ele terá um significado para o colecionador.

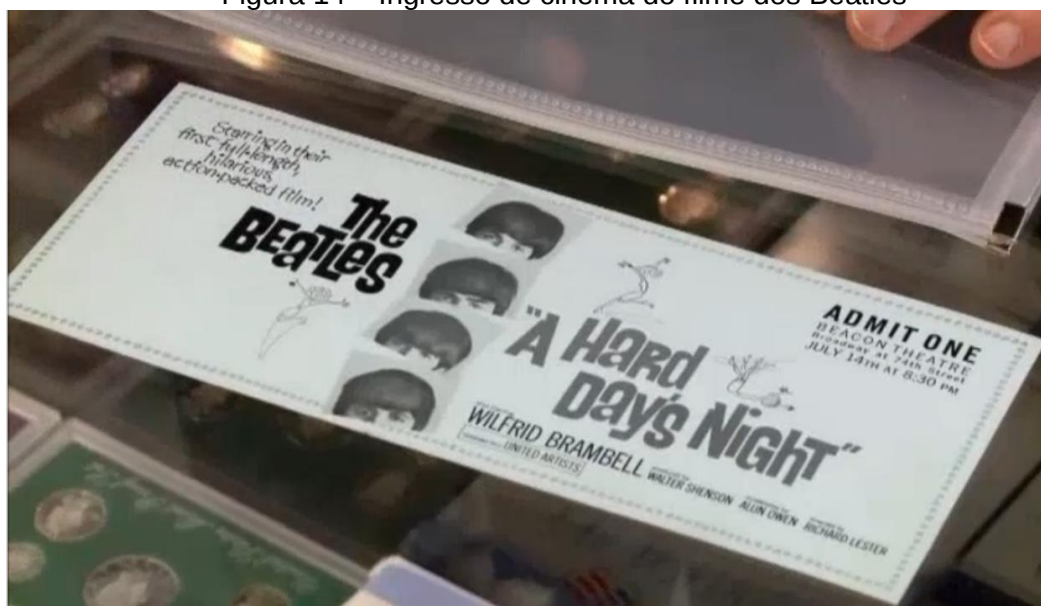
Diz-se também que certas peças de coleção são fonte de prazer estético: que outras – e por vezes são as mesmas – permitem adquirir conhecimentos históricos ou científicos. Enfim, observa-se que o facto de as possuir confere prestígio, enquanto testemunham o gosto de quem as adquiriu, ou as suas profundas curiosidades intelectuais, ou ainda a sua riqueza ou generosidade, ou todas estas qualidades conjuntamente. (POMIAN, 1984, p. 54).

Esse ingresso conta muito mais história do que a que está na memória da primeira pessoa que o recebeu, assim como na minha coleção existem ingressos que marcaram uma geração inteira, esse também marcou a geração dos anos 60 e mudaram até mesmo o comportamento da juventude dessa época. Essa mudança foi chamada de Beatlemania pela imprensa britânica.

O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação – a excitação da compra. Tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de seus pertences. A época, a região, a arte, o dono anterior – para o verdadeiro colecionador todos esses detalhes se somam para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto. (BENJAMIN, 1987, p. 228).

Apesar de não possuir a memória que o ingresso carrega consigo o seu futuro colecionador poderá ficar satisfeito em conseguir e colocar essa relíquia em sua coleção pelo simples fato de adquirir mais um item para fazer parte da sua coleção de objetos dos Beatles.

Figura 14 – Ingresso de cinema do filme dos Beatles



Fonte: Imagem retirada do episódio da série “Trato Feito”

Para nós, esse ingresso “É a arte do colecionismo que, assim, assegura a contemporaneidade de todo um passado ao presente atual.” (OLIVEIRA, 2005, p. 118), quer dizer que parte de uma memória dos Beatles estará de alguma forma presente na coleção que se formará e estará protegida pelo colecionador.

No artigo “Memórias de um afeto: a coleção de Clara” a autora narra outro lado das coleções, o lado da serventia da coleção para os outros. Ela conta que coleciona selos desde criança, mas sem muita responsabilidade em obter os selos, sua coleção simplesmente acontece até ela conhecer uma colega de trabalho apaixonada pela filatelia. A convivência com a amiga de nome Clara fez com que a autora se interessasse mais e narra “Por conta de seu entusiasmo fui reacendendo minha paixão filatélica.” (MARQUES, 2005, p. 165).

Clara já era uma senhora de idade e em sua família não existiam pessoas com as mesmas paixões e aos poucos foi passando alguns de seus bens para autora até entregar sua coleção tão amada de selos. As duas partilhavam a mesma paixão e entregar a coleção para alguém que partilhava desse amor “Na verdade, ao me transferir aquele legado, Clara estava me nomeando tutora de um afeto, um dos seus grandes amores.” (MARQUES, 2005, p. 166). As pessoas da família de Clara que não partilhavam dessa paixão provavelmente venderiam aquela coleção por não se importarem com ela e Clara quis que alguém que gostasse ficasse com ela para

continuar com o legado que ela começou, para que não fosse comercializada, desfeita.

Marques ainda revela um pouco mais sobre as coleções descartadas pelas famílias de colecionadores:

Hoje, entre outros afazeres como docente universitária, trabalho no Centro de Memória da Medicina, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, onde lido com acervos privados, várias coleções de cartas, fotos, livros e objetos que são doados pelas famílias de médicos, ex-professores e/ou ex-alunos da Faculdade. Memória descartada pelas famílias. Não me esqueço do espanto ao encontrar fotos de casamento e da lua-de-mel doadas pelos filhos, em meio a tantas caixas. As pequenas lembranças, cuidadosamente guardadas por anos, num desejo de perpetuar os grandes afetos, no final, são somente objetos desnecessários, pois é difícil transferir sentimentos tão profundos. (MARQUES, 2005, p. 166).

Esse relato mostra a preocupação que a senhora Clara possuía com relação a sua coleção quando ela partisse, não ter ninguém para confiar sua coleção, prever que ela será vendida (quando esta possui valor) ou descartada é uma preocupação da colecionadora e de todos os outros que não tem ninguém para partilhar seu afeto. O colecionador passa a vida inteira buscando itens para sua distinta coleção e ao chegar o final de sua vida perceber que toda a sua paixão de uma vida inteira poderá ser perdida faz com que o colecionador sofra. Existem lugares de memória que aceitarão objetos de coleção, no caso de uma coleção de acervos documentais de cinema, algumas instituições podem querer esse acervo, como é o caso da Biblioteca Nacional, do Museu da Imagem e do Som, Cinematecas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleção de ingressos foi toda desmembrada para que a explicação do por que ela se torna documento de minha própria existência. Ao longo desses 10 anos de recolhimento de testemunhos de minha vida percebemos que através desses pedaços de papel temos a prova que a colecionadora estava no cinema do shopping Tijuca no dia 23 de abril de 2010 em determinado horário e qual filme foi assistir, assim como se pode fazer um balanço da própria vida. Averigua-se um padrão dos cinemas visitados, a mudança de preferência dos horários dos filmes, o aumento ou diminuição de idas ao cinema e afins, e com isso documento minha trajetória de vida.

Segundo Ribeiro Junior (199-?, p. 3) “Os grandes acervos, em todo o mundo, quer particulares, quer de museus, arquivos, etc., iniciaram-se, em sua maioria, por pequenas coleções particulares”. Guardo minha coleção para me lembrar os momentos vividos nas salas de cinema, mas esses itens geralmente descartados por outros, colecionáveis por mim formam um acervo documental do cinema do início dos anos 2000, de um novo milênio e que poderá um dia fazer parte do acervo de memória do cinema de uma cinemateca.

A elaboração deste trabalho ocorreu baseando-se nas seguintes questões: os objetos da coleção apresentada podem se tornar documentos? Ou apenas uma memória do indivíduo que a coleciona? E qual é a relação entre colecionismo e memória?

A partir das análises e revisões de literatura constatou-se que os ingressos de cinema desta coleção podem se tornar documentos e por tudo retratado aqui eles podem sim ser considerados documentos. É a partir deles que minha trajetória de vida é acompanhada e minha identidade reconhecida, afinal eles relatam gostos através dos filmes assistidos, relatam o amadurecimento da colecionadora em relação aos temas de filmes escolhidos já que a amostragem trabalhada desta coleção possui seu início aos 14 anos da colecionadora até o final do ano de 2015, tendo a colecionadora 24 anos.

Utilizando-se de relatos de colecionadores que escrevem sobre seus objetos de coleção em seus blogs e em textos acadêmicos percebeu-se a diversidade dos objetos colecionados. Por mais excêntricos ou comuns que esses objetos possam ser ainda preservam a característica de objetos colecionáveis e como vimos no

decorrer do trabalho as coleções possuem um vínculo com a memória. Coleccionar implica em guardar memórias de algo ou de alguém, seja uma grande coleção que guarda a memória da identidade nacional de cada brasileiro, como é o caso da vasta coleção da Biblioteca Nacional, ou uma pequena coleção particular de botões. Respondendo a última questão do trabalho, em uma coleção sempre haverá uma memória a ser lembrada.

As perguntas do trabalho foram respondidas, entretanto não foram esgotadas. Alguns objetos são documentos desde a sua criação e outros se transformam, entretanto o que transforma esses objetos em documentos são motivos que ainda devem ser estudados.

Com as leituras percebeu-se também que de certa forma deve-se abordar a necessidade de um profissional da informação para melhor guarda e tratamento desse acervo nos lugares de memória como as cinematecas. Profissionais capacitados para ajudar na preservação desses documentos evitando sua deterioração e perda dessa memória. Além de o tema “ingressos” ser pouco abordado na literatura sendo assim escassa informações a seu respeito, continuar a pesquisa sobre outros pontos como econômico, político sem sair da Biblioteconomia seria muito importante para o desenvolvimento do tema.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Sérgio. Database Brasil 2000, **Filme B**, Rio de Janeiro, 2000. 1 CD-ROM.

ANDRADE, Pedro. Os objectos que colecionavam sujeitos (estilo ou gênero de escrita: diálogos sociológicos). **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 206- 210, jan./jun. 2005. Suplemento especial.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista de estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação - Referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: Informação e documentação - Numeração progressiva das seções de um documento escrito - Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027**: Informação e documentação - Sumário - Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: Informação e documentação - Resumo - Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6033**: Ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

_____. **NBR 10520**: Informação e documentação - Citações em documentos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BEATLEMANIA. Disponível em:<<http://www.beatlemania.com.br/>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

BENJAMIN, Walter. Ampliações. In:_____. **Obras escolhidas II**: rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 37-40. Disponível em: <http://monoskop.org/images/2/22/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_2.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2015.

_____. Desempacotando minha biblioteca. In:_____. **Obras escolhidas II**: rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 227-235. Disponível em: <http://monoskop.org/images/2/22/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_2.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2015.

_____. O colecionador. In:_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 2006. p. 237-246.

BRASIL. Decreto-lei nº 43, de 18 de novembro de 1966. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0043.htm>. Acesso em: 8 jul. 2015.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. A memória como acervo. **Infociência**, São Luís, v.4, p. 52-67, 2004.

CALVINO, Ítalo. Coleção de areia. In: _____ **Coleção de areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 12-13.

CHAUÍ, Marilena. Nação como semióforo. In: CHAUÍ, Marilena. **Brasil, Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. 4. ed. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2001.

COSTA, Flavia Cesarino. Primeiro cinema. In: MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papirus, 2006. p.17-54.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DODEBEI, Vera. Construindo o conceito de documento. In: LEMOS, TERESA; MORAES, Nilson (Orgs.). **Memória e construção de identidades**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001. p. 59-66.

_____; RIBEIRO, Leila; ORRICO, Evelyn. Fotografias, bandeiras e cartas: o filme como metadocumento de construção de memória. In: SEMINÁRIO MEMÓRIA, CIÊNCIA E ARTE, 5., 2007, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2007.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **O sentido e o significado de documento para a memória social**. 1997. 185 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

FERREIRA, Manuela. Coleccionar, por quê? **Episteme**, n. 20, p. 203-204, jan./jun. 2005. Suplemento especial.

FERREIRA, Victória Cardoso. **Ingressos de cinema** – dez anos de coleção. Finding nerverland: Victória Cardoso Ferreira. 14 jul. 2012. Disponível em: <<http://wheresmyneverland.blogspot.com.br/2012/07/ingressos-de-cinema-dez-anos-de-colecao.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

FREIRE, Rafael de Luna. **Acervos documentais de arquivos audiovisuais**: desafios e propostas. Disponível em: <<http://preservacaoaudiovisual.blogspot.com.br/2008/11/acervos-documentais-de-arquivos.html>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Acervo Digital**. Disponível em: <<http://bndigital.bn.br/acervodigital>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

_____. **Missão**. Disponível em: <<https://www.bn.br/biblioteca-nacional/missao>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

GAMA, Manuela. Tesouro e afectos em Harry Potter. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p.185-190, jan./jun. 2005. Suplemento especial.

GIRAFA, Roberto. A lei entra em cena. **Ultima hora**, Rio de Janeiro, 25 abr. 1989. Recorte de jornal.

GONZAGA, Alice. **Palácios e poeiras**: 100 anos de cinema no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FUNARTE: Record, 1996.

GRECCO, Vera Regina Luz. Colecionismo: o desejo de guardar. **Jornal do MARGS**, Porto Alegre, n.83, 2003. Disponível em: <http://www.margs.rs.gov.br/ndpa_sele_odesejo.php>. Acesso em: 8 jul. 2015.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HEFFNER, Hernani. Preservação. **Contracampo**, [s.l.], n. 34, 2001. Disponível em: <<http://www.contracampo.com.br/34/questoesgerais.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

HISTÓRIA DO CINEMA. In: **Wikipédia**, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hist%C3%B3ria_do_cinema&oldid=43160216>. Acesso em: 24 jul. 2015.

IMDB. Disponível em: <<http://www.imdb.com/>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

IMDB: o que é?. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/imdbentidadeseatributos/home/imdb---o-que-e>>. Acesso em: 13 jun. 2015. Acesso em: 13 jun. 2015.

INGRESSOS DOS BEATLES. Trato feito. Las Vegas: History Channel, 17 jun. 2015. Programa de TV. Disponível em: < <http://seuhistory.com/node/157686>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2011. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Instituto_Nacional_de_Cinema&oldid=26340812>. Acesso em: 20 set. 2015.

JANEIRA, Isabel Maria. As minhas colecções. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 175-180, jan./jun. 2005. Suplemento especial.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ____: **Memória-História**. Enciclopédia Einaudi, v. 1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 95-106.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 377-404, jul./dez. 2010.

MARQUES, Rita de Cássia. Memórias de um afeto: a coleção de Clara. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 165-166, jan./jun., 2005. Suplemento especial.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun. 2005. Suplemento especial.

MENEGAT, Rualdo. A epistemologia e o espírito do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 5-12. Jan./jun., 2005.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p.89-103, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/0>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 18 mai. 2015.

MOLES, Abraham A. A coleção. In: _____. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1981. p. 137-151.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma reflexão sobre o livro para além da informação. In: **ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 8., 2007, Salvador. Anais... Salvador: ENANCIB, 2007. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiienancib/paper/viewFile/2860/1988>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

MUSEU DE ARTE MODERNA. Cinemateca. Disponível em: <http://mamrio.org.br/museu_cinemateca/apresentacao/>. Acesso em: 05 jan. 2016.

MUSEU DE ARTE MODERNA. Cinemateca. **Programação**. Disponível em: <<http://mamrio.org.br/cinemateca/>>. Acesso em: 08 set. 2015.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, Andréia Machado. As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê?. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 111-119, jan./jun. 2005.

OTLET, Paul. **Documentos e documentação**. Congresso Mundial da Documentação Universal. Paris, 1937. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/otlet/index.htm>>. Acesso em: 08 set. 2015.

PAMUK, Orhan. Um filme sobre a vida e a agonia precisa ser sincero. In: **O museu da inocência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 281-291.

PEREIRA, Pilar. Coleção versus biblioteca. **Episteme**, Porto Alegre, n.20, p. 172-174, jan./jun., 2005. Suplemento especial.

POMIAN, K. Coleção. In: ____: **Memória-História**. Enciclopédia Einaudi, v.1. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.

POMIAN, K. Memória. In: GIL, F. **Sistemática**. Enciclopédia Einaudi, v. 42. Ed. Portuguesa. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2000. p. 507-516.

RANKBRASIL. Maior coleção de ingressos de cinema. RankBrasil: RankBrasil. 02 dez. 2009. Disponível em: <http://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/04NJ/Maior_Colecao_De_Tickets_De_Cinema>. Acesso em: 20 set. 2015.

RIBEIRO, Leila. Manias, trechos, objetos e coleção: memória, descarte e velhice nas narrativas quadrinísticas de Urbano, o aposentado. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO: MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: NUMEM, 2010.

RIBEIRO, Leila Beatriz. Patrimoniando o desmanche: coleções de inutilidades como uma metáfora capitalista. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera. **Memórias e novos patrimônios**. Marseille: OpenEdition Press, 2015. p. 127-141.

RIBEIRO JUNIOR. Geraldo de Andrade. **Porque colecionar?**. [199-?] Disponível em: <<http://www.colecionismo.com.br/outras/diversos/espacotematico/tematica001/index.htm>>. Acesso em: 28 nov. 2015.

SANTA CLARA, Isabel. Coleção. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 167-171, jan./jun. 2005. Suplemento especial.

SARINGER, Igor. **Minha coleção de ingressos e caixinha de lembranças**. A vida que levo: Igor Saringer. 6 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.avidaquelevo.com/2014/11/06/minha-colecao-de-ingressos-e-caixinha-de-lembrancas/>>. Acesso em: 20 set. 2015

SILVEIRA, José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, set./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000009464&dd1=8e761>>. Acesso em: 30 set. 2015.

TOFANI, Tamara Dias. **Ficção & realidade**: uma análise da coleção do romance o Museu da Inocência e sua transformação em um museu real. 2014, 56 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Museologia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989.